

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Saúde de Viseu

ELIANE TAVARES

**VITIMAS E AGRESSORES - MANIFESTAÇÕES DE BULLYING EM
ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DUMA ESCOLA DE ALAGOAS**



Março de 2016

ELIANE TAVARES

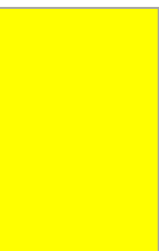
**VITIMAS E AGRESSORES - MANIFESTAÇÕES DE BULLYING EM
ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DUMA ESCOLA DE ALAGOAS**

Dissertação

Mestrado em Educação para a Saúde

Orientação: Professor Doutor Daniel Marques da Silva

Março de 2016



PENSAMENTO

“O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas por causa daqueles que o observam e deixam o mal acontecer”.

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é a razão da realização de mais um sonho.

Ao meu companheiro abençoado de todas as horas que sempre me incentivou e jamais permitiu que eu desistisse mesmo com a distância que nos separava.

Às minhas sobrinhas filhas, Bárbara e Vitória que com minha ausência compreenderam que era para o bem delas e à minha tia Antoniêta e seu esposo Vicente que muito contribuíram por esse sucesso.

As minhas amigas de todas as horas Josefa Ramos e Ana Silva, que nos momentos difíceis desta caminhada me ajudaram e me fizeram rir e com elas aprendi, compartilhei momentos bons e ruins ao longo destes dois anos.

Aos meus colegas de mestrado pelos momentos compartilhados e aos meus professores pelos ensinamentos.

Ao gestor, educadores e educandos participantes desta pesquisa, que contribuíram com dedicação demonstrando sinceridade em seus gestos de carinho, sem eles esta pesquisa não seria possível.

Ao meu orientador Prof Doutor Daniel Silva, por toda a paciência que teve ao eliminar as dúvidas existentes durante todo o caminho percorrido.

RESUMO

Enquadramento: A violência escolar é uma realidade transversal em todos os países, pode assumir várias formas e algumas delas com algum perigo. Tendo a escola por missão promover a educação e facilitar o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e relacional, deve a mesma estar atenta a às situações de violência, procurando prevenir e intervir de forma atempada.

Objetivos: Avaliar a existência e as formas de manifestação de bullying em alunos dos 6º ao 9º anos de escolaridade, bem como identificar algumas características pessoais, sociodemográficas e variáveis do contexto escolar que podem influenciar os comportamentos de bullying.

Material e métodos: Estudo transversal, exploratório-descritivo e correlacional, com uma abordagem quantitativa. Aplicamos um questionário numa amostra de 156 alunos numa escola de ensino fundamental em São Brás – Alagoas, Brasil.

Resultados: A maioria é do sexo feminino (60,9%) e a idade situa-se entre os 11 e os 16 anos com uma média de 12,87 anos. A relação com a família é boa (76,3%), já reprovaram 36,5% dos alunos e, destes, 25,3% reprovaram duas vezes. Já tiveram participação disciplinar 64,1% dos alunos, 10,9% já tiveram suspensão de atividades escolares e 85,3% referem que raramente os pais vêm à escola. Os alunos gostam da turma e da escola e consideram-na segura. Todos os alunos já foram alguma vez vítimas e agressores de bullying. As meninas sofrem mais bullying direto e utilizam mais o indireto e a intimidação e os rapazes sofrem mais bullying indireto e intimidação e utilizam mais o direto. Os alunos vítimas de bullying e com boa relação familiar sofrem mais bullying direto e indirecto e os alunos que têm uma boa relação familiar têm valores inferiores enquanto agressores em todas as formas de bullying. Os que reprovaram têm valores mais elevados em todas as formas de bullying quer enquanto vítimas quer enquanto agressores. Existe associação entre a participação disciplinar e o bullying direto.

Conclusões: Na nossa amostra todos os alunos já foram vítimas de bullying e também já foram agressores. Os rapazes recorrem mais ao bullying direto e meninas ao indireto e intimidação. Os reprovados têm valores mais elevados de bullying quer como vítimas quer como agressores. Os alunos com boa relação familiar têm menos comportamentos de bullying. É importante conhecer a realidade de cada escola quanto aos comportamentos de bullying e devem realizar-se em parceria com a família programas de prevenção e intervenção precoce.

Palavras chaves: Bullying; escola; vítimas; agressores.

ABSTRACT

Background: school violence is a cross reality in all countries, can take many forms and some of them with danger. With the school mission is to promote education and facilitate the physical, intellectual, emotional and relational development, the same should be aware of the situations of violence, seeking to prevent and intervene in a timely manner.

Objectives: To assess the existence and forms of bullying demonstration in students from 6th to 9th grades, as well as identifying some personal characteristics, socio-demographic variables and the school context that can influence bullying behavior.

Methods: Cross-sectional, exploratory and descriptive and correlational study with a quantitative approach. We applied a questionnaire in a sample of 156 students in an elementary school in São Brás - Alagoas, Brazil.

Results: The majority is female (60.9%) and the age is between 11 and 16 years with an average of 12.87 years. The relationship with family is good (76.3%), while 36.5% disapproved of the students and of these, 25.3% reproached twice. Have had disciplinary participation 64.1% of pupils, 10.9% had suspension of school activities and 85.3% state that parents rarely come to school. Students enjoy the class and the school and consider it safe. All students already were ever victims and perpetrators of bullying. Girls are more direct bullying and use more indirect and intimidation and boys suffer more indirect bullying and intimidation and use more direct. Students victims of bullying and good family relationship suffer more direct and indirect bullying and students who have a good family relationship have lower values as aggressors in every form of bullying. Those who reproached have higher values in all forms of bullying either as victims or as perpetrators. There is an association between the disciplinary participation and direct bullying.

Conclusions: In our sample all students have been bullied and have also been aggressors. The boys rely more on direct bullying and girls to indirect and intimidation. The reprobate have higher levels of bullying either as victims either as perpetrators. Students with good family relationships have less bullying behaviors. It is important to know the reality of each school about the bullying behavior and should be carried out in partnership with the family of prevention programs and early intervention.

Keywords: Bullying; school; victims; aggressors.

SUMÁRIO

Pág

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ÍNDICE DE TABELAS

INTRODUÇÃO	19
------------------	----

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. BULLYING	25
1.1 CONCEITOS DE BULLYING	26
1.2 BULLYING NA ESCOLA	28
1.3 FORMAS DE BULLYING	32
1.4 CAUSAS E EFEITOS DE BULLYING	34
1.4.1 Sobre o agressor	36
1.4.2 Sobre as vítimas	37
1.4.3 Sobre as testemunhas.....	40
1.5 O BULLYING E OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....	41
2. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO COMBATE AO BULLYING	43
2.1 O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING.....	45
2.2 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NO BULLYING NAS ESCOLAS	48

PARTE II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

3. METODOLOGIA.....	53
3.1 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJECTIVOS	53
3.2 TIPO DE ESTUDO E VARIÁVEIS	54
3.3 INSTRUMENTO DE COLHEITA DE DADOS	54
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA	55
3.5 PROCEDIMENTOS DA RECOLHA DE DADOS	55
3.6 PROCEDIMENTO ESTATÍSTICO.....	56

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	57
4.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA	57
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR.....	59
4.3 FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE BULLYING	63
4.3.1 Tipos de agressões	63
4.3.2 Formas de Bullying	67
4.3.3 Relação entre as Formas de Bullying e as variáveis.....	70
4.3.4 Auto avaliação enquanto vítima e agressor	77
5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
6 - CONCLUSÕES	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS	
Questionário	99

LISTA DE SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
INE	Instituto Nacional de Estatística
TAG	Transtorno de Ansiedade Generalizado
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INDICE DE TABELAS

	Pág
Tabela 1 - Estatísticas relativas à idade em função do género	57
Tabela 2 - Caracterização dos alunos por grupos etários	58
Tabela 3 – Coabitação dos alunos e relação com a família, em função do género	58
Tabela 4 - Distribuição dos alunos por ano de escolaridade e reprovações em, função do género	59
Tabela 5 - Número de reprovações em função do género	59
Tabela 6 – Variáveis escolares: participação disciplinar, suspensão atividades e vinda dos pais à escola, em função do género	60
Tabela 7 – A vivência na escola: relação com a turma e com a escola e a forma como considera a escola	61
Tabela 8 – Distribuição alunos em função do convívio nos intervalos e na hora de almoço..	61
Tabela 9 - Distribuição dos alunos em função do local onde passam os intervalos	62
Tabela 10 – Distribuição dos alunos em função da variável magoar colegas e faltar à escola por medo	63
Tabela 11 - Estatísticas das formas de bullying enquanto vítimas	67
Tabela 12 - Estatísticas das formas de bullying enquanto agressor.....	68
Tabela 13 - Diferenças entre o grupo de vítimas e o grupo de agressores	70
Tabela 14 - Tipo de bullying enquanto vítima em função do género.....	70
Tabela 15 - Tipo de bullying enquanto agressor em função do género.....	71
Tabela 16 - Tipo de bullying enquanto vítima em função dos grupos de idade	71
Tabela 17 - Tipo de bullying em função dos grupos de idade enquanto agressor.....	72
Tabela 18 - Tipo de bullying enquanto vítima em função da relação familiar.....	72
Tabela 19 - Tipo de bullying enquanto agressor em função da relação familiar.....	73
Tabela 20 - Tipo de bullying enquanto vítima em função do reprovção	73
Tabela 21 - Tipo de bullying enquanto agressor em função da reprovção	74

Tabela 22 - Tipo de bullying enquanto vítima em função do participação disciplinar.....	74
Tabela 23 - Tipo de bullying enquanto agressor em função do participação disciplinar.....	75
Tabela 24 - Tipo de bullying enquanto vítima em função do sentimento em relação à turma	76
Tabela 25 - Bullying enquanto agressor em função do sentimento em relação à turma.....	76
Tabela 26 - Tipo de bullying enquanto vítima em função do sentimento em relação à escola	77
Tabela 27 - Bullying enquanto agressor em função do sentimento em relação à escola.....	77
Tabela 28 - Auto avaliação enquanto vítima.....	78
Tabela 29 - Auto avaliação enquanto agressor	78

INDICE DE QUADROS

	Pág
Quadro 1 - Frequência e percentagem dos tipos de agressão enquanto vítima.....	64
Quadro 2 – Frequência e percentagem dos tipos de agressão enquanto agressor	66
Quadro 3 - Correlação entre as formas de bullying enquanto vítima.....	68
Quadro 4 - Correlação entre as formas de bullying enquanto agressor	69

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que deve procurar promover a educação, desenvolvimento pessoal e interpessoal e o convívio social. O ambiente escolar é um local privilegiado para se debaterem ideias, integrar grupos, partilhar interesses e aprender a gerir conflitos. Cabe à escola desenvolver competências sociais, relacionais e emocionais nos seus estudantes de modo a torná-los responsáveis e envolvidos em atividades de cidadania. A escola atual está inserida numa sociedade onde é frequente a rutura da família tradicional, a agregação de novos elementos nas famílias em que crianças e adolescentes multiplicam os seus papéis o que leva à quebra de laços e de responsabilidade na educação dos filhos que passa, em muitos casos, a ser totalmente remetida para a escola. Os valores da unidade, do diálogo, do respeito, do perdão e da paz deram lugar a laços frágeis e espontâneos de abandono, à falta de afetividade e à compra de “coisas” para substituição de afetos.

A sociedade por vezes está marcada por diferenças sociais que se podem traduzir em situações de maior ou menor violência. A escola não fica alheia a este fenómeno e por vezes dentro da escola vivem-se situações de violência que perturbam o normal desenvolvimento das crianças e jovens. A violência pode assumir várias formas desde comportamentos menos ajustados, hiperatividade, indisciplina, até agressividade e comportamentos de bullying.

A violência escolar não é um problema novo e todos nós adultos relembramos estudantes que passaram por situações de violência quer no papel de vítima quer no de agressor. Nas últimas décadas o ensino massificado trouxe alterações na dinâmica escolar que influenciaram a convivência e o nível de tolerância e a mudança de alguns valores.

A cultura de violência instalada nos meios de comunicação e na vida social quotidiana, em que quase tudo se pode fazer e quase tudo é desculpável, conduz em alguns à aceitação deste tipo de manifestações com naturalidade e permite a propagação do fenómeno que já é um problema preocupante. Dos desenhos animados aos telejornais, encontramos muita violência e agressividade e falta de valores assertivos de responsabilidade, esforço, persistência e afetividade. Aprendem a ser “guerreiros” com heróis e heroínas da televisão, cinema e jogos de computador com simulação de violência física, cuja finalidade é obter sucesso, dinheiro, fama e reconhecimento fácil e, aparentemente, sem consequências.

Em todos os países a comunicação social, desejosa de informação, de tempos a tempos, apresenta incidentes relacionados com a indisciplina ou fenómenos de violência na escola que embora não sendo novos, assumem novas formas e muitas vezes com grande perigo. Hoje a sociedade está mais sensibilizada e os pais mais envolvidos com a escola e mais atentos, pelo que certos comportamentos são mais facilmente detetados.

Sendo a escola um lugar para promover a educação e facilitar o desenvolvimento não apenas mental, mas também físico, emocional e social/relacional, esta deve estar atenta a estes fenómenos, perceber os seus contornos e magnitude e promover programas de prevenção/intervenção direcionados para agressores e vítimas com envolvimento dos professores, funcionários, família e dos próprios alunos.

O bullying é um problema transversal a todas as escolas e a todos os países e que tem merecido uma atenção especial nas últimas décadas. As pesquisas sobre bullying começaram no Brasil na década de oitenta com Cléo Fante a qual aprofundou mais sobre esta problemática nas crianças das escolas brasileiras.

O comportamento de violência escolar sempre existiu e Grocholski (2010, p. 9) reforça esta ideia ao afirmar que “o comportamento de violência escolar não é novo, mas a forma como professores, médicos, pesquisadores e comunidades encaram o problema vem mudando de forma significativa”. A mesma autora cita Olweus (1989, p.16) para definir o conceito de bullying como sendo caracterizado pelo desenvolvimento de práticas de “colocar apelidos, ofender, zoar, humilhar, discriminar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, difusão de boatos, fofocas, sexualização, ofensas raciais, além de roubar e quebrar pertences de suas vítimas”.

No bullying não são incluídas as discussões normais entre os alunos mas atos de intimidação planeados e um comportamento deliberado de maltratar e desmoralizar de várias formas de modo repetido e regra geral em crianças mais vulneráveis.

No contexto escolar significa comportamento agressivo de intimidação em que os mais fortes maltratam os mais frágeis, fazendo deles objetos de diversões e prazer e onde as brincadeiras disfarçam o propósito de maltratar. Para haver *bullying* terá de haver premeditação ou intencionalidade, ser repetido e ao longo do tempo como ato continuado ou persistente e com desequilíbrio de poder, pois como diz Olweus (1993, p.9): “*A student is being bullied or victimized when he or she is exposed repeatedly and over time, to negative*

actions on the part of one or more students”. De realçar ainda que o comportamento agressivo não resulta de qualquer tipo de provocação ou ameaça prévia.

Olweus (1993), na Noruega, foi pioneiro nesta matéria divulgando os primeiros dados sobre os comportamentos de vitimização e agressão. Souza e Almeida (2011) referem aquele autor como tendo desenvolvido “os primeiros estudos para a identificação do *bullying* na escola, diferenciando-o de outras possíveis interpretações sobre o comportamento dos escolares (...). Através desses estudos verificou-se que, a cada grupo de sete alunos, um estava envolvido em situações de *bullying*”

Foram estas reflexões que me motivaram a escolher uma forma particular de violência escolar – o *bullying*. Vários estudos já foram realizados neste âmbito e com esta pesquisa pretendemos avaliar a existência e as formas de manifestação de *bullying* numa escola de ensino fundamental em São Brás-Alagoas, bem como compreender alguns aspectos caracterizadores deste fenômeno identificando algumas características pessoais e sociodemográficas bem como variáveis do contexto escolar que influem nos comportamentos de *bullying* enquanto vítimas e agressores.

Numa primeira parte iremos apresentar a dimensão conceptual do fenômeno *bullying* tendo para isso realizado pesquisas bibliográficas e documentais relevantes (publicações de livros, revistas, artigos, teses, dissertações, além de publicações da internet) visando o levantamento do referencial teórico. Abordaremos o *bullying* e sua complexidade e os desafios da educação no combate ao *bullying*.

Numa segunda parte apresentaremos a investigação de natureza empírica realizada numa escola da rede pública Municipal da cidade de São Brás-Alagoas. Apresentamos a metodologia, a apresentação e análise dos resultados, a discussão e as conclusões/sugestões.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 - BULLYING

Carvalhosa, Lima & Matos, (2001), afirmam que atualmente têm sido evidentes os inúmeros casos de agressão ocorrida entre crianças e jovens em contexto escolar. Não sendo uma situação recente, tem aumentado a preocupação entre os profissionais de educação e de saúde, pais e entre os próprios jovens. Os mesmos autores referem que o aumento do agravamento das situações de bullying e da sua frequência leva a uma maior mediatização deste fenómeno. A consequência dos efeitos e as decorrências para o desenvolvimento e saúde mental das crianças e jovens vítimas leva que haja cada vez mais visibilidade e estudos relativos a este tema.

Carvalhosa, Lima e Matos (2001), referem à existência de dificuldades de se encontrar um consenso no que diz respeito à operacionalização do conceito de bullying, uma vez que os comportamentos agressivos abrangidos por este fenómeno variam segundo os diferentes autores. Alguns consideram apenas a violência física, outros consideram a violência física, verbal e psicológica, sendo em menor número os autores que consideram a violência sexual.

Grocholsky (2010, p. 14)) citando Cubas (2006) enfatiza que o bullying não escolhe a instituição seja pública ou privada, sendo mais frequente entre meninos e a difamação e a exclusão mais frequente entre meninas.

Rodríguez, (2004) enquadra o bullying num processo específico de agressão presente em grande parte das escolas e que tem como base a intimidação e abuso continuado de uma criança em relação à outra que não tem possibilidades de se defender. O bullying sempre existiu em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, nas áreas urbanas ou rurais, regiões pobres ou ricas, porém ninguém conseguia vê-lo como algo que traria prejuízos futuros para as crianças e adolescentes, como problemas psiquiátricos para as vítimas e delinquência para os agressores.

1.1 – CONCEITOS DE BULLYING

O conceito de Bullying é um anglicismo que não faz parte dos dicionários de Língua Portuguesa, embora a sua utilização seja cada vez mais habitual no nosso idioma. O bullying trata-se de situações de abuso entre iguais – expressão que pretende traduzir a palavra de origem inglesa. Segundo Fante (2005), o termo é utilizado em muitos países associado ao desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa colocando-a sob tensão, ou seja refere-se a um comportamento intencional agressivo e repetitivo.

De acordo com Fante (2005, p.28 e 29):

“[...] bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento”. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying".

O termo *bullying* deriva do inglês *bully*. Como substantivo o termo significa agressor e como verbo significa intimidar, ficando seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo. Podem ainda ser encontradas outras definições para o termo *bully* como: valentão, brigão, brutal, tirano, insolente e também verbos como: maltratar e ameaçar (Souza & Almeida, 2011)

Para Pereira (2008, p.24) bullying são comportamentos agressivos de ameaça onde se identificam varias estratégias de chantagem ou práticas violentas exercidas por um grupo ou individual. No bullying há uma intencionalidade de magoar ou intimidar alguém quer física, verbal ou psicológica..

Segundo Relatório de Pesquisa “Bullying escolar no Brasil” – Plan Brasil (2010), a utilização no Brasil do conceito que define o termo Bullying ainda apresenta fragilidade, encontrando por vezes dificuldades em se diferenciar em meio ao fenômeno geral de violência entre pares na escola. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a acontecimentos de eventuais conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios definidores para bullying.

Fante (2005, p.29) define bullying como “um comportamento desumano inerente nas relações interpessoais, em que os mais violentos transformam os mais delicados em objeto de entretenimento e distração, por meio de “brincadeiras” que dissimulam a intenção de maltratar e amedrontar.”

Para as autoras Middleton-Moz & Zawadski (2007) o bullying abrange atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos (...) palavras ofensivas, humilhação, propagação de boatos, badalação, exibição ao ridículo, transformação em bode expiatório e revelações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou espaços indesejáveis no local de trabalho, socos, abusos, pontapés, chantagens, ofensa, sexualização, insultos raciais, étnicas ou de gênero.

Verificamos que para as autoras o bullying é propositado e freqüente, envolvendo conduta, expressões e ações prejudiciais para com o outro. Este tipo de conduta e insulto se dá em diversos lugares, desde a escola ao local de trabalho e até mesmo em relacionamentos entre vizinhos pode acontecer o chamado bullying.

A palavra bullying remete-nos para condutas relacionadas como a intimidação, a agressão, a ameaça e os insultos e remete-nos para atos de violência ou perseguição para com alguém que não tem possibilidade de se defender.

De acordo com Serrate (2009) o bullying poderá caracterizar-se da seguinte forma

1 - Vitima indefesa – atacada por um provocador (bully) ou grupo de provocadores com intencionalidade de provocar mal e ganhar controle sobre o outro

2 - Persistência /continuidade - o comportamento não é ocasional mas repete-se ao longo do tempo de maneira recorrente.

3 – Dor tolerada - a agressão provoca dor não só no momento de ataque mas de forma contínua e cria uma sensação de insegurança permanente.

4 - Desequilíbrio/assimetria de poder – os agressores veem a sua vítima como um alvo fácil por indefesa desta. Há uma relação de domínio e submissão entre o agressor e a vítima.

5 – Dirigida a um sujeito – embora raro também podem ser vários alunos. Quem intimida pode fazê-lo sozinho ou em grupo mas a intimidação a dirigida a sujeitos concretos. Não se intimida o grupo.

Carvalhosa, Lima & Matos, (2001) por sua vez referem que o bullying é caracterizado por:

1. A intencionalidade do comportamento - tem um objectivo que é provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa;

2. O comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo - não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser regular;

3. Um desequilíbrio de poder - quando um aluno (mais velho ou mais forte) ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta.

1.2 - BULLYNG NA ESCOLA

A escola era um lugar garantido, onde os pais deixavam seus filhos e podiam ter certeza que nada de ruim iria acontecer. Hoje já não é tão garantido que a escola seja um lugar de integração social, de socialização, de um espaço protegido. Pelo contrário tornou-se um espaço onde por vezes se encontram episódios violentos e esta agressão está a generalizar-se não apenas contra os alunos, mas contra professores e funcionários (Grocholski, 2010).

A escola é um lugar para aprender e educar, um espaço de promoção para uma vida melhor, um ambiente onde se educa para a paz, porém, hoje não se pode afirmar que a mesma está garantindo esta segurança. Damke e Gonçalves (2007) afirmam que o fenómeno Bullying existe na escola há muito tempo, de forma oculta e subtil, que muitas vezes passa despercebida ao professor, pois a maioria das agressões acontece longe dos adultos, tornando-se desconhecido aos olhos dos profissionais da escola e da própria família.

Chalita (2008, p.92) aponta para a seguinte avaliação: Na escola, quem nunca foi zoadado ou zoou alguém? Risadinhas, anedotas, rumores, alcunhas, todos nós, em determinado momento de nossa vida, observamos essas brincadeiras de má vontade, ou fomos agentes ou vítimas. No entanto, essa rotina de provocação e insultos, considerada normal por muitos pais, alunos e até educadores, está além de ser inocente. O bullying é uma condutaI agravante, degradante, com ataques violentos, desumanos e mal-intencionados, sejam físicos, sejam psicológicos.

Para o mesmo autor (Chalita, 2008) existem dois tipos de bullying: aquele que tem modalidade mais violenta, constituindo-se de falar mal, golpear, bater, chutar, esmurrar e apelidar de forma ofensiva e repetitivamente - bullying direto. E o bullying indireto caracterizado por atos que levam a vítima ao “isolamento social”. Estratégias como boatos, intrigas e fofocas são mais comuns. Para o autor o bullying direto é mais comum entre meninos e o bullying indireto é mais comum entre as meninas.

Fante e Pedra (2008, p.9) retratam também o bullying como brincadeiras realizadas com brutalidade, prepotência, extrapolando os limites do sofrível e convertendo-se em atos de violência. Quando os atos, modos ou comportamentos são repetitivos, intencionais e determinados, com a finalidade de intimidar e causar sofrimento a outros (s), esses são atos de bullying.

O bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intuito de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de trocas de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que infringem o direito à retidão física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. As vítimas se sentem desarmadas, vulneráveis, com receio e timidez, o que favorece o afronta de sua autoestima e a vitimização ininterrupta e crônica.

Pinheiro (2009, p.19) refere a existência de vários tipos de bullying

“**O físico**—relacionado com o bullying feito por meio da agressão física,

O social—como sendo o bullying feito por meio do indeferimento da relação em grupos e atividades.

O psicológico—que é o bullying feito a partir de insultos e humilhações”

Sposito citado por Rodrigues (2011, p.71) argumenta que a agressão escolar nos últimos tempos, tem-se tornado uma grande preocupação em muitos países, não sendo um fenômeno característico apenas da sociedade brasileira, estando presente, por exemplo, na França, nos Estados Unidos da América (EUA) e na Argentina.

A pesquisa desenvolvida apontou marcas concretas da violência no contexto escolar, mas também na manifestação das marcas invisíveis. A violência escolar configura-se como fenômeno social que envolve vários aspectos sociais, políticos e se concretiza sob várias formas: verbais, não verbais, tensões, bullying, violência psicológica, misteriosa e física. A evidencia dessas formas de violência causa medo e desconforto nos membros da escola e revelam a complexidade do tema.

Follman (2012) refere que o gosto pela escola influencia a aprendizagem, desempenhos satisfatórios e os relacionamentos positivos e quando a criança não gosta da escola é mais fácil surgirem comportamentos geradores de tensão e violência.

Grocholski (2010, p.19) refere que “a escola sempre foi um ambiente de aprendizagem, lugar seguro para aprender tudo que precisa para viver em comunidade e ser um bom cidadão, lugar que nunca nos ofereceu risco”. Segundo a mesma autora, a agressão acontece, pois os jovens não sabem mais o que se espera da escola e vão até lá, para se divertirem ou simplesmente por lazer. Sendo obrigado a ir à escola, entende que não é obrigado a estudar, então faz dela seu lazer, um passatempo. Neste contexto a autora (p.20) cita Sposito (1994) o qual afirma que “a violência seria a conduta mais visível ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que já não respondem ao seu universo de necessidades”.

A mesma autora (Grocholski, 2010, p.19) cita Cubas (2006) e ressalta que “nossa sociedade vive hoje situação de violência e nas escolas temos tido violências em todos os níveis, agressões físicas, desavenças constantes, repressões, humilhações e exclusões as quais nos mostram a escola como reflexo da sociedade.

Este estudo vem reforçar a relevância dos contextos sociais dos adolescentes, aparecendo bem focados como fatores desencadeadores de comportamentos violentos a desagregação familiar, a pouca ou inexistente atração pela escola, o grupo de amigos aliados à posse de arma, consumo de estupefacientes, álcool e tabaco e visionamento excessivo de televisão.

As condutas violentas na escola têm como intenção provocar malefícios ou nas estruturas ou nas pessoas. Podem ser exógenas, ou seja, apontadas de fora para dentro, como ocorre nos bairros problemáticos onde por vezes agentes fora da escola a inadem e destroem desafiando a hierarquia da escola e a ordem, ou são meramente comportamentos violentos na escola, que acontecem, principalmente quando esta não institui ambientes suficientemente tranquilos para a o desenvolvimento de valores e condutas sociais.

De acordo com Rodrigues (2011, p.94)

Para se entender o que é agressão no âmbito escolar, primeiramente procura-se saber como os sujeitos a compreende no espaço da escola, sobretudo o fenômeno e como se explica o conceito pelos professores e alunos, definindo se há abuso no ambiente escolar. Em nossas investigações descobrimos que ao definir o conceito de violência os professores apresentam certa restrição e ausência de embasamento teórico.

As consequências referentes ao bullying são variadas, ao contrário do que muitos pensam, não é somente as vítimas que sofrem as consequências. Os agressores e as testemunhas também podem sofrer as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem.

São muitas as consequências relacionadas com o bullying, estando sujeito à maneira como as vítimas recebem as agressões e de como é a reação diante de seus agressores. As sequelas para as vítimas podem ser graves levando ao desinteresse pela escola, a ausência em desenvolver ideias e aprendizagem, a capacidade do rendimento, o absentismo e a saída escolar (Fante, 2005).

Lopes Neto (2005) afirma que as vítimas do bullying não sofrem consequências somente em sua vida escolar, pois se analisar esses alunos sofrem dificuldades acadêmicas devido a sua baixa autoestima, referentes a sua saúde emocional abalada. Quem sofre com o bullying certamente se torna uma pessoa insegura. É importante perceber que as consequências do bullying vão muito além das fronteiras escolares, pois muitas vezes as vítimas tornam-se pessoas inseguras quanto à sua aparência, com medo de frequentar lugares públicos por causa do receio de sofrer represália e aos poucos deixam de se relacionar com outras pessoas.

Aqueles que expõem suas emoções se mostram como pessoas sentimentais, meigas, creem-se como antecipadamente capacitados por serem emotivos, porém, não basta. As emoções em relação à violência na escola passam e tudo continua como antes. Para isso, não podemos ver o problema da agressão sob uma perspectiva.

A violência na escola necessita ter uma visão mais universal, especialmente, por aqueles que refletem sobre a educação. O não consentimento das diferenças em toda a sua intensidade – se é diferente, é hostilizado, desprotegido, humilhado. E quando a vítima reage é violentada. A não aceitação das diferenças, também, transcorre pela escola como instituição, com seus próprios professores, funcionários e com os próprios alunos. Essa padronização, isto é, unificar o diferente, é feita com violência em todos os episódios. E esse comportamento institucional, provoca violência.

Depois da socialização primária na família, igreja, vizinhos, a escola é o primeiro ambiente social que a criança experimenta. É na escola onde ela vai realmente experimentar um ambiente social, vai aprender a conviver com as diferenças e constituir um ser para si. Deve por isso tratar-se a violência na escola como um trabalho prioritário não apenas para o presente mas também para preparar o futuro (Tonchis, 2012).

A escola deve preparar-se para enfrentar a complexidade dos problemas atuais e as relações interpessoais entre alunos, pais, professores e funcionários respeitando as diferenças (Delors, 1996).

1.3-FORMAS DE BULLYING

Segundo Olweus (1993) o bullying pode ser qualificado em o *bullying* direto e *bullying* indireto. O primeiro compreende agressão de um aluno contra outro, contendo vocábulos, sinais, expressões faciais e contato físico (bater, chutar, tirar pertences). O segundo pode acontecer por atitudes de indiferença e difamação por divulgação de fatos desagradáveis e depreciativos levando à discriminação e gerando a saída da vítima de seu grupo de pares fazendo com que exponha dificuldade para fazer novos amigos no seu grupo social ou na sua sala de aula. Contudo muitos dos alunos que sofrem *bullying* direto na maioria das vezes sofrem também isolamento e abandono entre seus pares.

Martins (2005), classifica os comportamentos de *bullying* em três categorias:

Direto e físico: compreende maltratar ou chantagear; pontapear, roubar ou deteriorar objetos que diz respeito aos companheiros, extorquir dinheiro ou chantagear fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, constranger ou ameaçar os colegas a desempenhar tarefas bajuladores contra a sua pretensão;

Direto e verbal: engloba ofender, pôr apelidos descontentes, fazer zombarias, fazer comentários racistas, salientar qualquer característica ou deficiência de um companheiro de forma impresumível;

Indireto: refere-se a situações como recusar alguma pessoa de participar do grupo de pares ou a exclusão do grupo como forma de conseguir alguma coisa do outro ou como represália de uma suposta injúria anterior, distribuir rumores sobre os atributos e/ou comportamentos de alguém com a intenção de denegrir o seu nome.

Silva (2010) refere que os meninos usam mais a força física, e com modos mais aparentes. A vítima é atacada diretamente pelo agressor, empregando agressões físicas como: empurrar, chutar, tomar pertences, empurrões, roubos; e as atitudes verbais que são as ofensas.

Já as meninas costumam praticar *bullying* mais na forma de diz-que-diz-que, boatos e por meio de afastamento entre as colegas, podendo, com isso, passar despercebidas, advertindo ainda que a linguagem não verbal é muito usada através de olhares intimidatórios, desqualificantes e aterrorizadores. As estratégias empregadas são atitudes de indiferença, difamações, rumores, boatos humilhantes sobre a vítima e familiares, entre outros. De acordo com Chalita (2008), o bullying indireto leva a vítima ao isolamento social, desenvolvendo uma atitude de insegurança e dificuldade de se relacionar, muitas vezes tornando-se uma pessoa retraída, e indefesa.

Fante (2005) e Chalita, (2008) ressaltam que o bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão repetida ao longo do tempo. A vitimação ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra pessoa mais poderosa (Lopes Neto, 2005). A forma de bullying é normalmente subtil e geralmente ocorre entre colegas da mesma turma e pode acontecer de maneira directa - ofensas verbais, empurrões e apelidos ofensivos repetitivos gestos depreciativos e condenatórios, ou de forma indirecta - caracteriza-se basicamente por acções que levam a vítima ao isolamento social e as estratégias mais utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas.

De acordo com Serrate (2009) o bullying pode se demonstrar de várias formas: física, verbal, psicológica social, sexual:

- **Verbal** - é o tipo de violência mais habitual. O telemóvel também pode ser um meio para o conseguir. Consiste em insultos e principalmente, palavrões, desprezo em público, salientar defeito físico, insultar, falar mal, gozações, apelidos, ofender, piadas, entre outros. Este tipo é mais comum e, além disso, é a forma mais rápida para o agressor pôr á prova a sua capacidade de desestabilizar a vítima e de a controlar. É um tipo de comportamento directo
- **Físico** - bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar,, pontapés, cotoveladas, agressões com objectos, cuspidelas, etc. Também se inclui na violência física, cercar a vítima, fechá-la muna sala, esperá- la fora da escola e maltratá-la para lhe tirar os seus pertences. É um tipo de comportamento directo
- **Psicológico** - a componente psicológica está em todas as formas de maltrato. São exemplos: irritar, humilhar, excluir, isolar, ignorar, desprezar. Adota uma ampla variedade de manifestações e de registros. Normalmente, o maltrato psicológico acaba no maltrato físico. Geram-se acções com intenção de minar a

auto - estima do indivíduo e fomentar a sua sensação de insegurança e medo. Neste tipo, o agressor manipula a vítima emocionalmente, fazendo-se passar por seu amigo, chantageando-a, brincando com as suas fraquezas, dizendo-lhe que se não fizer o que este deseja contará algo que lhe tenha sido confidenciado. Este bullying consegue que a vítima fique sempre dependente emocionalmente do agressor. Destrói a auto-estima do indivíduo, fomentando a sua sensação de medo. Em geral, a violência emocional é mais frequente entre raparigas do que rapazes. Em muitos casos, este tipo de violência é usado para mandar a vítima fazer trabalho de agressor, ou para lhe exigir presentes, extorquir-lhe dinheiro ou obrigá-la a sentir-se culpada no momento em que o agressor precise. É um tipo de comportamento indireto.

- **Social** - pretende isolar a vítima do resto do grupo e dos colegas. Trata-se, geralmente, de uma ação efetuada através de comentários, de abuso verbal, de insultos, de atitudes cruéis, de ameaças, de agressão, de ignorar totalmente a vítima e, segui-la, depois da escola até a sua casa, de tratá-la como escrava, etc. Também contempla a violência sexista que tem ver com a discriminação e é feita sempre em função de uma hierarquia preestabelecida. É um tipo de comportamento indireto.
- **Sexual** - todo o tratamento que implique contacto físico nas raparigas ou nos rapazes, sem o seu consentimento, gestos obscenos, pedidos de favores sexuais, excesso de relacionamento com um companheiro ou companheira mesmo que este ou esta não esteja de acordo; a utilização de tom de voz, intenção ou mensagens sexuais dando a entender que a outra pessoa agiu com a intenção de seduzir, faltando ao respeito. É uma conduta que implica abuso de poder. É um tipo de comportamento indireto.

1.4 - CAUSAS E EFEITOS DO BULLYING

Para Só (2010) o fenómeno bullying, suas causas e consequências podem conviver nos padrões educativos a que são expostas as crianças, na falta de valores, de limites, de normas de convívio; em receber castigo ou punição através de violência ou intimidação e a aprender a resolver os problemas e as dificuldades com a violência.

O mesmo autor (Só, 2010, p.8) cita Fante (2005) o qual refere que “na maior parte das ocasiões as vítimas sofrem reservadas por timidez de se desvendarem ou por medo de desafrontas dos seus agressores, tornando-se reféns de sentimentos traumáticos, como temor, incerteza, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que evitam seu bom incremento escolar.”

Só (2010, p.8) cita Neto (2005) referindo que “as conseqüências para os alvos desse fenômeno crescente no mundo todo podem ser depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e suicídio, enquanto os autores dessa prática podem adotar comportamentos de risco, atitudes delinqüentes ou tornar-se alvos violentos. O mesmo autor (Só, 2010, p.9) afirma que as crianças e adolescentes que sofrem de bullying podem desenvolver emoções negativas, como seja a baixa autoestima, podendo tornar-se adultos com sérias dificuldade de relacionamento. De acordo com Fante (2002) em muitas vítimas de bullying o desempenho escolar pode ser afetado, e os alunos diminuem o rendimento escolar, ficam com déficits de concentração, prejudicando a sua aprendizagem, podendo mesmo chegar a extremos de abandonar a escola e os estudos.

A mesma autora (Só, 2010, p. 9) cita Fante (2005) e refere que

“ para aqueles que praticam o bullying, acontece o distanciamento e ausência aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de alcance de poder, o incremento de habilidades para posteriores condutas delitosas, além da projeção de comportamentos violentos na vida adulta. Para os espectadores, que é a maior parte dos alunos, estes podem sentir incerteza, angústia, receio e estresse, afetando o seu processo socioeducacional”.

Follman (2012, p.15) refere que os atos do bullying têm características comuns, como conduta agressiva de forma repetitiva e intensa contra uma mesma vítima, impedindo assim a defesa da mesma. De acordo com a autora as práticas do bullying são atos subtis de violência, entre colegas da mesma sala de aula podendo assumir formas de bullying direto ou indireto.

O bullying direto acontece quando a vítima é agredida diretamente pelo agressor, sendo empregada com uma freqüência maior entre os meninos, utilizando agressões físicas (empurrar, bater, chutardesprezar, tomar pertences, roubos) e as atitudes verbais (ofensa, apelidos pejorativos e atitudes de discriminação, expressões e sinais que provocam mal estar às vítimas).

Para Follman (2012), o bullying indireto induz a vítima ao afastamento social, desenvolvendo uma atitude de incerteza com problemas no relacionamento, tornando-se

retraída, e indefesa. No bullying indireto são mais habituais a internet e dos telefones celulares, pois noticiam, com rapidez comentários desumanos e maldosos sobre as pessoas (cyberbullying).

De acordo com Follman (2012, p.23) as consequências referentes ao bullying são inúmeras, dependendo de como as vítimas recebem as agressões, de como reagem a seus agressores. A esse propósito Fante (2005, p.44) refere que as consequências para as vítimas são graves causando na escola o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e o abandono escolar.

Lopes Neto (2005) garante que as vítimas do bullying não sofrem consequências apenas em sua vida escolar, pois se avaliar esses alunos sofrem dificuldades acadêmicas devido a sua baixa autoestima, referentes a sua saúde emocional agitada. Quem sofre com o bullying torna-se uma pessoa insegura. Ainda de acordo com Neto, as vítimas que tem a sua aparência rejeitada, é afrontada pelo seu tipo físico, conseguintemente torna-se uma pessoa insegura quanto a sua aparência, temendo assim frequentar espaços públicos devido ao medo de sofrer rejeição.

Em se tratando de dificuldades emocionais, Marchesi (2006, p.82) afirma que as dificuldades emocionais dos alunos podem distorcer suas relações com professores e colegas e atrapalhar seriamente sua aprendizagem..

De acordo com Tonchis (2012) é urgente discutir a violência na escola e é preciso reconstruir competências de diálogo e sugerir um novo projeto de sociedade no qual o bem de todos esteja realmente em vista. Tanto a agressão como a vitimização têm consequências quer a curto quer a longo prazo.

1.4.1- Sobre o agressor

Os “bullies” tendencialmente têm mais comportamentos prejudiciais à saúde como o uso de tabaco, álcool e drogas (delinquência e criminalidade) apresentam dificuldade de adaptação social e facilidade de envolvimento em lutas, conflitos e roubos.

De acordo com Barros, Carvalho e Pereira (2009) os “bullies” têm dificuldade em respeitar a lei e dificuldade de inserção e de relacionamento afetivo e social, envolvendo-se mais tarde em problemas de conduta, droga, álcool e crimes.

Algumas pesquisas indicam que adultos agressores têm personalidades autoritárias, combinadas com uma forte necessidade de controlar ou dominar. Apresentam um temperamento agressivo e impulsivo, com dificuldade de comunicação e negociação, são provocadores e com falta de sensibilidade com os sentimentos dos outros e entendem que os outros devem realizar as suas vontades (Martins, 2005, Pereira, 2008, Barros, Carvalho e Pereira, 2009).

Conforme afirma Chalita (2008, p.86), os autores do bullying, normalmente “são alunos populares que necessitam de platéia para agir. Conhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos comuns, apenas para impor domínio”. As crianças agressoras sentem-se mais populares e têm um grupo de amigos em volta de si, para se permanecer amparado e fortalecido, sentindo prazer e contentamento em dominar, controlar e causar agravos e desgosto as vítimas.

Fante (2005, p.73) afirma que repetidas vezes o autor do bullying é membro de família sem estrutura, onde ocorre pouco relacionamento afetivo entre os mesmos, dificuldade em partilhar seus sentimentos e afastamento emocional. Os pais utilizam mais a crítica do que o elogio ou o encorajamento e as “práticas educativas” compreendem negligência ou maus-tratos físicos.

1.4.2- Sobre as vítimas

De acordo com Fante e Pedra (2005), considerada-se vítima típica de bullying, aquele aluno que sofre as agressões de outro não dispõe de disposições físicas e emocionais para reagir. Para os autores as vítimas típicas são aquelas que proporcionam pouca habilidade de socialização, são contraídas ou tímidas e não dispõem de solução, status ou habilidades para reagir ou fazer interromper as condutas agressivas contra si. Na maioria das vezes apresentam aparência física mais sutil ou certo traço característicos que distingue dos demais. De acordo com Barros, Carvalho e Pereira (2009) as vítimas temem a escola, demonstram insegurança mesmo depois em adultos, apresentam baixa auto estima e problemas de relacionamentos social e familiar, dificuldade de autoafirmação e de auto expressão, e que podem tornar-se elas próprias pessoas violentas ou mesmo acabar em suicídio.

As vítimas são geralmente frágeis e demonstram desinteresse pela escola e como nos dizem Fante e Pedra (2005, p.71-72) as vítimas sem potencial são aquelas que têm poucos

amigos ou colegas na escola, são solitários e evitam participar de trabalhos escolares ou de atividades esportivas em grupo.

Para os autores, as vítimas típicas do bullying são pessoas selecionadas, sem um motivo claro, para suportar chantagens, ofensas e ameaças, na maior parte das vezes experimentam medo de reagir às agressões suportadas por causa de sua baixa estima e insegurança, se tornando uma pessoa pouco sociável.

Para Silva (2010), as crianças ou adolescentes que sofrem bullying têm disposições a contraírem transtornos e doenças psicológicas e ou físicas, como fobias, podem até adoecer fisicamente, as vítimas podem sofrer com transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, depressão, anorexia e bulimia, entre outros, muitas vezes sua vida toma uma conotação de extremo sofrimento e depressão, necessitando receber acompanhamento especializado.

Chalita (2008) enfatiza que o silêncio das vítimas se torna um aliado influente dos agressores, ajudando a aumentar a violência dentro da comunidade escolar. Muitas vezes a vítima típica não comenta sobre as agressões sofridas, por vergonha, por medo de revanche, intimidações, por não acreditarem que estão falando a verdade, temor pelas reações dos familiares, pela incapacidade de defesa.

As vítimas de bullying acabam por desenvolver problemas psíquicos por vezes irreversíveis que podem levar a atos de violências e mesmo ao suicídio. As vítimas relatam baixa auto-estima, fraca cooperação e partilha, ansiosos e inseguros, isolados, tímidos. As vítimas de bullying em contexto escolar, reportaram na idade adulta, depressão, níveis mais baixos de bem-estar subjetivo, dificuldade em confiar nos outros e pensamentos suicidas. Para além de problemas de saúde (sintomas psicossomáticos) na escola apresentam baixa concentração e baixo rendimento, desinteresse, triste, desleixo nas tarefas escolares absentismo escolar, perda de pertences. Em casa podem apresentar dificuldade em adormecer, sono agitado e podem molhar a cama (Fante, 2005, Silva, 2010).

De acordo Silva, (2010, p.9) os principais problemas que uma vítima de bullying pode enfrentar na escola e ao longo da vida, podem trazer graves conseqüências psicológicas e comportamentais aos alunos, e que podem ir além do período escolar, visto que muitos adultos, ainda apresentam a conseqüência de uma vida escolar sofrida com a prática do bullying.

Os problemas mais comuns são:

Sintomas psicossomáticos – pessoas que apresentam sintomas físicos como dor de cabeça, cansaço, insônia, dificuldade de imaginação, palpitações, alergias, crise de asma, tremores, entre outros.

Transtorno do pânico - A pessoa é tomada por um receio e angústia, seguida de sintomas físicos como; taquicardia, calafrios alargamento da pupila. Fobia escolar- O aluno tem um temor intenso de ir à escola, o número de faltas tem um grande aumento, o aluno não consegue ficar no espaço escolar devido a lembranças traumáticas.

Fobia social - conhecida também como timidez patológica. A pessoa sente receio de ser o centro das atenções ou ser avaliada negativamente, o indivíduo evita eventos sociais. Para quem sofre de fobia social, apresentar um trabalho ou participar de palestras pode ser um martírio, isso por medo de ser ridicularizada.

Transtorno de Ansiedade Generalizado (TAG) - quem sofre de TAG preocupa-se com todas as situações ao seu redor, ela amanhece achando que se esqueceu de fazer algo ou não vai dar conta dos seus compromissos, vivem aceleradas, negativas e constantemente pensam que algo de ruim vai lhe acontecer.

Depressão - uma doença que afeta o humor, a saúde, seus sintomas são; tristeza persistente, ansiedade, sensação de vazio, sentimento de culpa, a pessoa se sente inútil, desamparo, insônia ou sono excessivo, perda ou aumento de apetite, fadiga, falta de esperança, dificuldade de concentração, ideia ou tentativa de suicídio e perda das atividades que lhe causava prazer.

Anorexia - quem sofre de anorexia tem pânico de engordar, mesmo que ela esteja extremamente magra, ainda se acha gorda, acima do peso e fora dos padrões de beleza, essa doença leva a desnutrição e desidratação.

Bulimia - se caracteriza pela ingestão compulsiva de alimentos, muitos calóricos, seguida por um sentimento de culpa, por ter ingerido tais alimentos, na tentativa de “eliminar” os alimentos a pessoa provoca vômitos, utiliza laxante, faz excesso de exercícios físicos e períodos longos de jejum.

Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) - conhecido popularmente como “manias”, caracteriza-se por pensamento de natureza ruim, causando ansiedade e sofrimento. A pessoa que sofre de TOC, adota comportamentos repetitivos, acha que vai adquirir uma doença ao tocar uma maçaneta, objetos ou apertar a mão de alguém, fica prisioneira desses sentimentos negativos e passa a lavar as mãos várias vezes ao dia,. Outra forma do sintoma do

TOC, a pessoa checa e verifica diversas vezes se esqueceu do gás ligado, a porta e janelas abertas.

Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT)- a pessoa passa por experiências traumáticas, como vivenciar a morte de perto, acidentes, sequestros, calamidades naturais, entre outros. Quem sofre de TEPT, vê em flashbacks como se fosse um filme, lembranças de tudo que aconteceu a ela, pode levá-la a depressão.

1.4.3-Sobre as testemunhas

As testemunhas ou observadores passivos de acontecimentos de bullying também apresentam sinais de sofrimentos e sentimentos de medo, incapacidade de ação e culpa por falta de ação, pois muitas vezes se calam por receio de se tornarem as próximas vítimas.

De acordo com Pedra (2008, p.61), muitas das testemunhas “abandonam os atos dos agressores, mas nada fazem para prevenir”. No entanto alguns estudantes usam estratégias para se defender e não serem a próxima vítima, por meio de risadas, admitindo as agressões, ou fingem se divertir com o sofrimento das vítimas. Eles não suportam e nem cometem bullying, mas aturam as suas consequências, por presenciarem invariavelmente as situações de aborrecimento vividas pelas vítimas.

Chalita (2008, p.89) refere que, os espectadores /testemunhas “... aprendem a ser omissos e passivos para se defender...”. O medo em afastar o agressor ou defender a vítima, pode transformá-los na vida adulta em cidadãos egoístas, que aceitam e até mesmo legitimam as injustiças sociais.

Segundo Taiul (2009) as testemunhas saem prejudicadas pois eles vivem com temor e angústia de ser a próxima vítima, deste modo sofrem quietos com a dor do outro. As testemunhas mesmo que não tenham envolvimento direto, podem desenvolver ansiedades negativas em relação ao espaço onde ocorre o bullying e, por isso, preferem calar-se, o que faz com que os causadores interpretem esse sigilo como sendo a afirmação de sua força.

1.5-O BULLYING E OS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Estatuto da Criança e do Adolescente positivou diferentes cauções e métodos protetores com o intuito de garantir um incremento saudável aos infanto-juvenis.

A conduta discriminatória e hostil dos que praticam o bullying põe limite contra o respeito e a decência de suas vítimas passando por cima dos direitos estatutários transcritos na Lei nº 8.069 de Julho de 1990 (Brasil, 1990), nomeadamente:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18 – (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014). A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (...)

A violação de qualquer um desses direitos contrafaz a decência da criança e do adolescente ocasionando, portanto, em dano moral. Antes que o prejuízo moral à criança e adolescente realmente ocorra, é necessário notificar esse acontecimento ao Conselho Tutelar que é o instrumento - administrativo, municipal, estável e independente - nomeado pela sociedade de cuidar da execução dos direitos da criança e do adolescente.

A escola é corresponsável nos casos de bullying, pois é no ambiente escolar que acontecem as condutas agressivas e agressores se confirmam ou se agravam na maior parte

das vezes. A direção da escola, ao constatar que houve algum caso de bullying ou maus tratos, deve procurar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente, entre outros, evitando assim, que o problema passe a se tornar constante.

Se por acaso não seguir o procedimento correto, a escola poderá ser culpada por omissão. Dessa forma, quanto antes forem procuradas as autoridades responsáveis, os fatos podem ser corretamente determinados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais métodos impedem a impunidade e dificultam o aumento da violência e da criminalidade contra crianças e adolescentes.

Sobre o comportamento das escolas, cabe, ainda, aos estabelecimentos escolares, reprimir atos de indisciplina cometidos por estudantes e aplicar as repreensões pedagógicas nos casos preciosos no regimento escolar ou interno.

É indispensável a ativação das autoridades competentes, a prevenção sempre será o mais perfeito a ser feito pelas instituições de ensino. As escolas têm feito isso através de programas ou campanhas elucidativas sobre o tema.

2 - DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO COMBATE AO BULLYING

Conforme nos é referido por Francisco e Libório (2009, p.200) a violência no contexto educativo é uma das principais razões do mal-estar vivido por vários de seus atores, apresentando-se como um dos problemas atuais da educação contemporânea. A escola, cada vez mais multifacetada, vem presenciando situações de violência que estão tomando proporções assustadoras em nossa sociedade. As situações de violência eram esporádicas e tornaram-se hoje em dia mais frequentes. Esse incômodo é vivido nas afinidades entre alunos, professores e demais profissionais da educação, atrapalhando o método de ensino-aprendizagem, tal como o desenvolvimento social e afetivo das pessoas envolvidas.

Segundo Lopes Neto (2005), as escolas não podem aceitar que crianças sofram violência, não podem testemunhar tais fatos nem entendê-los como banais, pois a violência pode tornar-se cada vez mais frequente em todas as instituições escolares.

Fante (2005 p.20) afirma que a agressão escolar nas últimas décadas adquiriu crescente influência em todas as sociedades, o que a torna assunto inquietante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. As técnicas de abuso, discriminação e preconceito, vividas pelos alunos no dia-a-dia escolar, têm se exposto como um amplo desafio para os professores, equipe gestora e toda comunidade escolar. Essas técnicas, muitas vezes, podem ocasionar problemas na aprendizagem e originar traumas levados por toda a vida, assim é importante ter em mente que a precaução começa pelo conhecimento.

Para ampliar estratégias de interferência e precaução ao bullying em uma escola, é imprescindível que a sociedade escolar permaneça consciente de que o mesmo existe, sobretudo, das decorrências pertinentes aos envolvidos, a esse tipo de desempenho. Dessa maneira, entende-se que é essencial mover e abranger toda a comunidade escolar na iniciativa pela diminuição do comportamento do bullying.

De acordo com Follman (2012) é necessário que as escolas conheçam que o bullying existe e tenham consciência das consequências para os alunos. Nos profissionais da educação ainda há há quem não conseguia compreender a diferença entre comportamentos de bullying

ou outros tipos de violência, por falta de preparação para encarar os problemas no ambiente escolar.

Os professores têm de estar atentos a este tipo de violência e falar sobre ele em sala de aula para que as crianças compreendam que o bullying pode acontecer dentro e fora do ambiente escolar, e ter consciência que vai interferir no desenvolvimento da sua vida emocional, social e afetiva. Follman (2012) cita Fante (2005, p.68) e refere que “o despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada a necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos”.

Os docentes deveriam ser preparados para educar e desenvolver a inteligência emocional dos seus alunos, mas muitos professores têm dificuldades emocionais para lidar com os problemas de agressividade e violência dentro da sala de aula e por vezes acabam reagindo também com agressividade. Para Pedra (2008) por vezes é preciso contar com a ajuda de conselheiros externos nomeadamente psicólogos e assistentes sociais.

A escola pode com medidas simples podem auxiliar na diminuição das ocorrências de bullying no ambiente escolar nomeadamente desde o início das atividades escolares explique aos estudante o que é o bullying e que não serão aceites esses tipos de comportamento. Os alunos devem ser estimulados a informar a direção da escola sempre que presenciem ou sejam vítimas desse comportamento (Chalita , 2008).

Para Pereira (2008), a escola deve providenciar supervisão dos recreio, mas deve ser feita de uma forma organizada e discreta, sendo feita uma cuidadosa análise dos problemas existentes em cada escola. Os adultos envolvidos diretamente com esse universo devem ter formação adequada para saber como agir e devem estabelecer uma relação de confiança com os alunos.

Pedra (2008) refere que se podem realizar atividades em salas de aula em forma de redação onde os alunos são estimulados a falar no anonimato sobre a sua vida na escola. O seu relacionamento com os colegas ajudará a romper o silêncio e possibilitará a expressão de emoções e sentimentos.

Follman (2012, p. 29) refere que

“na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental é primordial trabalhar por meio de histórias ou fábulas que trabalhem o preconceito ou qualquer outra forma de exclusão e discriminação. É essencial tanto a participação do

professor quanto dos alunos. O professor de um lado tem o dever de conduzir o papel ético, problematizar valores e regras morais através da afetividade e racionalidade visando ao desenvolvimento moral e à socialização e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor. A escola, juntamente com os professores tem a função de trabalhar conteúdos relacionados aos valores, como o diálogo, o respeito, e a solidariedade. Com o diálogo o professor faz com que os alunos agressores reflitam sobre suas atitudes agressivas e as consequências que podem gerar nos alunos agredidos. Fazendo-os refletir como deveria ser uma escola onde todos sentissem felizes, seguros e respeitados”.

O mesmo autor (p.30) cita Pedra (2008) e comenta que há alunos praticantes de bullying que se tornam “alunos solidários”, ajudando seus colegas dentro e fora da sala de aula, com uma tenção especial para os que foram suas vítimas.

2.1 – O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA FRENTE AO BULLYING

O principal papel da família e da escola deve ser direcionado para a prevenção das diversas formas de bullying. Teixeira (2011) refere que conhecer o fenómeno bullying, sinais e sintomas apresentados pela vítima e pelo agressor são fatores essenciais para uma intervenção eficaz. Nos dias de hoje nem sempre os pais acompanham de perto os filhos e tornana-se por vezes difícil identificar as situações de bullying, pois a vítima teme identificar os seus agressores.

Lourenço et al. (2009) ressaltam que os jovens que passam mais tempo sem a companhia de adultos e/ou com um pobre envolvimento afetivo com os pais são reconhecidamente maior utilizadores de *bullying* com seus pares.

Nunes (2012, p. 29) relativamente aos fatores familiares que podem favorecer o aparecimento de bullying “ressalta a falta ou inversão de valores morais e éticos, desprestígio da educação, pais omissos, ausentes dos problemas escolares, coniventes com os erros dos filhos, não impondo limites aos filhos, jogando para a escola a responsabilidade da família.”

Nos dias de hoje e de um modo especial nos países ditos desenvolvidos com o ritmo e a sobrecarga de trabalho, bem como com as deslocações para o mesmo, tiram disponibilidade para os filhos e estes são colocados a ver televisão ou a brincar sozinhos. A atenção com a criança e a relação familiar quase se limita à satisfação das necessidades físicas (alimentação, higiene e descanso).

Sabemos que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não apenas dentro da família, mas também fora ,através de discursos variados que a escola e a família poderão ou não integrar. A família contudo não se pode demitir das sua responsabilidade nem pode deixar apenas para a escola o papel na formação dos seus descendentes.

Chalita,(2008) ressalva que é importante os pais preocuparem-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos, pois uma família equilibrada tende a gerar filhos equilibrados.

A família deve estar atenta aos sinais que podem identificar situações de bullying. Lopes Neto (2006) apresenta alguns dos sinais mais frequentes apresentados pelos alunos que são vítimas do bullying: apresentam comportamentos de tristeza, melancolia e angústia (choro, stress, impulsividade, etc.); recusam-se a ir para a escola, utilizando de qualquer desculpa; estranha diminuição do rendimento escolar, notas baixas e dificuldades de aprendizagem; redução da socialização com colegas, ficando isolados; aparecem frequentemente com arranhões e cortes não justificados; aparecimento de objetos pessoais danificados. Podem ainda apresentar queixas de saúde: queixas de mal estar geral (fadiga, dores de cabeça, de estômago, etc); enurese noturna, alteração do sono, cefaléia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, anorexia, bulimia.

Silva (2010) refere que na sala de aula os alunos que sofrem bullying apresentam postura retraída, mostram-se comumente deprimidas ou ansiosas. Nos jogos ou atividades em grupo sempre são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas; aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares. Geralmente, elas não têm amigos ou, quando têm são poucos.

Os agressores também devem ser identificados e Silva (2010) apresenta algumas das características que os agressores podem apresentar na escola: fazem brincadeiras de mau gosto, gozações, colocam apelidos pejorativos, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos, furtam ou roubam dinheiro, lanches e pertences de outros estudantes. Costumam ser populares na escola e divertem-se à custa do sofrimento alheio.

Fante (2005) refere que no ambiente familiar também há comportamentos de agressor a que se deve estar atento: atitudes desafiadoras e agressivas em relação aos familiares; ser arrogante no falar e no vestir e demonstram superioridade. Podem trazer da escola objetos ou dinheiro que não são seus e regressar com roupas amarrotadas e com ar de superioridade. Muitos agressores mentem e negam as reclamações da escola ou dos irmãos e colegas e são habilidosos para se sair bem das situações difíceis.

De acordo com Silva (2011) os pais devem conversar com os filhos sobre as práticas envolvendo o *bullying* e ensiná-los a diferenciá-lo das brincadeiras cotidianas. A família deve ser o porto seguro para as crianças e onde a comunicação seja franca e fácil de forma que auxilie na identificação das causas, caso a criança esteja a ser vítima ou agressora. Se o filho é vítima não deve ser culpabilizado mas pelo contrário manter uma postura serena e calma evitando comportamentos que possam desencadear mais agressividade ou violência, mas encorajando a criança a vencer seus medos (Lopes Neto, 2005).

Pereira (2008, p. 53) considera que a família ideal seria “aquela que predominasse o amor, o carinho, a afeição e o respeito. Mas nem sempre isso acontece. Nesses casos, muitas crianças e jovens se desvirtuam e passam a reproduzir o que aprendem com seus familiares”.

No que respeita à escola Pereira (2009) destaca que o papel da escola na atualidade sofreu mudanças drásticas, e vai além da função de formação acadêmica, adicionando também funções como a socialização, formação de caráter e cidadania. Seus objetivos já não são somente ensinar conteúdos educativos tradicionais. Nunes (2012)) por seu lado afirma que o espaço escolar se vai, além disso, tornando também um espaço de interação entre seus participantes. É também um lugar onde as crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e a segurança.

A escola deve respeitar e estimular os alunos a pensar e estimular o crescimento como pessoa e cidadão contudo, Fante e Pedra (2008, p. 53) consideram que o *bullying* acontece em todas as escolas e pode ocorrer em vários locais da escola sendo mais habitual no recreio.

Rolim (2008) enfatiza que a função da escola diante do *bullying* é reconhecer a existência da problemática, sua importância e gravidade e procurar eliminá-la, destacando assim a preocupação na prevenção do *bullying* e das formas de violência em geral.

Rosa (2010) valoriza a necessidade da família e da escola darem grande importância no sentido de perceberem a ação de educar como responsabilidade de ambos. As famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola e vigiar amizades.

Se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno.

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI reforça que: "a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas (...). Nas relações com o sistema educativo deve haver “ um diálogo verdadeiro entre pais e professores é, pois, indispensável, porque o desenvolvimento harmonioso das crianças implica uma complementaridade entre educação escolar e educação família” (Delors et al 1996, p.111)

2.2 - ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NO BULLYING NAS ESCOLAS

Implementar programas de prevenção e redução do bullying não é fácil nem simples pois é um problema complexo e multifacetado. Como referimos anteriormente tanto a família como a escola têm um papel importante perante as situações de bullying nomeadamente na mudança de ideias, comportamentos e valores. Uma e outra podem criar condições para que se desenvolva este fenómeno mas podem também ser agentes de prevenção e mudança.

Para lidar com este problema os pais e educadores devem trabalhar em conjunto e trocar informações sobre o comportamento dos filhos /alunos ou seja envolver uma parceria contínua, uma comunicação permanente. Silva (2011) refere que os pais devem estar presentes na escola de tal forma que cobrem atitudes por parte da escola para evitar a ocorrência do fenómeno. Os pais devem ajudar o filho e ajudar a escola a enfrentar o desafio de vencer o *bullying*.

A escola junto com a família têm a missão de proporcionar aos educandos um ambiente rico em harmonia, que contribua na formação de seres humanos autênticos, participativos, com elevada auto-estima, pois assim estarão formando pessoas que se amam, que se cuidam, que se aceitam, se respeitam e se fazem respeitar, se sentem seguras de si, reconhecem seus valores e virtudes, assim como suas limitações.

Fante (2010) refere que a escola deve desenvolver estratégias para reduzir o comportamento agressivo e capacitar os pais para identificar e encaminhar essas situações

vivenciadas pelos filhos. As escolas devem elaborar procedimentos e normas que previnam comportamentos agressivos e envolver os alunos também na criação dessas normas.

De acordo com Monteiro (2011) a escola deve sensibilizar e conscientizar para a existência do problema, estimular as crianças a comunicarem as situações de bullying e os professores para estarem disponíveis para ouvir as crianças, apostar na formação dos professores, promover tarefas de grupo para estimular a interação e relacionamentos interpessoais e apetrechar-se com boas instalações.

Na opinião de Feroso (1998:92-95) a intervenção sobre o bullying poderá ser ao nível da prevenção primária e secundária. A prevenção primária consiste em campanhas de sensibilização contra a conduta violenta na escola, realizadas nas escolas ou mesmo na comunicação social, formação de professores, pais e educadores e procura diminuir a frequência com que surge o problema. A prevenção secundária visa a identificação precoce para melhor se agir sobre o fenómeno e consta de “actividades de educação não formal individualizadas, auxílio pedagógico a alunos com condutas violentas, intervenção directa na resolução de conflitos, ajuda aos pais que têm filhos com condutas violentas, orientando-os na resolução de tais problemas”. Monteiro & Ferreira (2006) falam ainda da prevenção terciária que procura a inserção e reabilitação das pessoas, ou seja na escola trabalhar com os alunos (vítimas e agressores) levando-os a participar de forma activa na vida social e escolar melhorando o bem estar e prevenir outros problemas.

A par das ações desenvolvidas nas escolas deve também investir-se na comunidade ou bairros onde se inserem os jovens algumas delas com situações de pobreza e de marginalização e as condutas de violência podem ser assumidas como normais. Pino Juste (1998: 136) diz que de modo especial se devem “detectar mecanismos que possam desencadear num processo de marginalização, pobreza ou desenraizamento social e atuar” e englobar “todos os implicados na comunidade (instituições, amigos, famílias” no projeto de erradicação da violência.

Segundo Lopes Neto (2005)

“todos devem estar de acordo com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado. As estratégias devem ser definidas em cada escola, observando-se as suas características e as da sua população. O incentivo ao protagonismo dos alunos, permitindo sua participação nas decisões e no desenvolvimento do projeto é uma garantia de maior sucesso”.

Nos programas de educação com vista à prevenção e intervenção a escola deverá estar envolvida juntamente com a família numa parceria com os mesmos objetivos. Equipes de intervenção e as autarquias deveriam promover cidadãos ativos e implicados no seu próprio desenvolvimento.

Nas escolas, as estratégias que têm mostrado maior força são aquelas que apontam à conscientização dos profissionais e dos pais quanto à existência do problema; treinamento de professores de como agir diante desta situação (Fante, 2005, Barros, 2008).

Gisi et al.(2009) referem ainda que os comportamentos agressivos podem resultar da insatisfação com a escola, e da falta de alegria em viver e conviver pelo que a escola deve estar atenta e trabalhar com estes jovens. As ações relacionadas ao *bullying* implicam em acções globais na escola, com o envolvimento de todo corpo docente e estabelecimentos de normas e regulamentos a serem implementadas na escola, na sala de aula e nos recreios.

Follman (2012) sugere que o professor problematize valores e regras morais com vista ao desenvolvimento social, trabalhando o diálogo, o respeito e a solidariedade. A ação do professor para criar um clima positivo é importante pois é o líder do grupo e orienta os diferentes processos de participação.

A acção directa do professor é também decisiva, uma vez que ele é o líder natural do grupo e guia os diferentes processos de participação e deve criar de um clima positivo, estimulante e amigável. De acordo com Duarte (2013) por vezes os professores têm dificuldades emocionais para lidar ou intervir em as situações de bullying dentro da sala de aula ou então lidam também com autoritarismo e agressividade tornando-se modelos referenciais negativos.

Cabe aqui referir que por vezes os próprios professores são vítimas de bullying podendo também não saber como lidar com a situação e não expondo o problema superiormente com receio de serem mal interpretados pelos seus colegas e podendo ao longo do tempo vir a adoecer (Silva, 2010).

Em síntese verificamos que se devem envolver estratégias onde sejam envolvidos a escola, a família, a comunidade e a sociedade para prevenir o bullying. A escola é onde os jovens passam muito tempo juntos e onde desenvolvem atividades sociais e trabalhos de grupo e de relacionamento interpessoal e onde podem surgir os conflitos. Os pais devem estar atentos a sinais de alerta e de risco e devem fazer uma aproximação à escola para terem condutas em harmonia.

PARTE II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

3 - METODOLOGIA

A metodologia forma uma fase de exatidão e planejamento e engloba a descrição planejada de todas as intervenções imprescindíveis para a realização de um estudo. Neste capítulo será especificado o tipo de investigação, os objetivos, as variáveis em estudo, a amostra, os instrumentos e os procedimentos referentes à colheita de dados bem como a previsão do tratamento estatístico, com um estudo transversal de fatos quantitativo e descritivo .

3.1 – QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO

Para alcançar os objetivos da presente pesquisa, foi realizado um estudo com aplicação de um questionário aos estudantes dos 6º ao 9º anos. Procurando identificar a existência de bullying e as suas formas de manifestação. Desta questão surgem ainda as seguintes interrogações:

- Que variáveis pessoais, sociodemográficas e acadêmicas se relacionam com o bullying?
Quais as formas ou tipos de bullying?

De acordo com o apresentado delineamos os seguintes objetivos:

- Identificar as características pessoais e sociodemográficas dos alunos que constituem a nossa amostra.
- Identificar as variáveis inerentes ao contexto escolar e acadêmicas dos alunos da nossa amostra.
- Identificar as principais formas de manifestação do bullying e a sua incidência nos alunos enquanto vítimas ou enquanto agressores .
- Verificar a existência de associação entre algumas das variáveis sociodemográficas e de contexto escolar com as diferentes manifestações de bullying.

3.2 – TIPO DE ESTUDO E VARIÁVEIS

Considerando os objetivos pretendidos realizamos um estudo transversal, exploratório-descriptivo, quantitativo e correlacional. Procuramos explorar/descrever o fenómeno do bullying numa determinada população. Estes estudos fornecem uma descrição e caracterização dos objetos de estudo na nossa investigação.

O presente estudo é uma pesquisa quantitativa, de carácter descritivo pois pretendemos descrever com exatidão os fatos e os fenómenos de determinada realidade.

A variável dependente é a existência e as formas/tipos de bullying e as variáveis independentes são as causas antecedentes ou as influências, que se presume interferirem com a variável dependente: variáveis sociodemográficas (idade, sexo, agregado e relação familiar), variáveis de contexto escolar (ano de escolaridade, reparações, aspetos disciplinares, sentimentos em relação à escola e à turma, convívio nos intervalos) e a percepção de si próprio enquanto vítima ou agressor.

3.3 – O INSTRUMENTO DE COLHEITA DE DADOS

O nosso instrumento teve como referência os questionários de Olweus (2007) e “My life in school checklist” de Thompson & Aurora e baseou-se em estudos de Elliott (1992) e Olweus (1991). É um questionário de auto resposta que procura recolher informações sobre os alunos, a escola e o envolvimento dos alunos em diferentes comportamentos de bullying e foi utilizado em Portugal por Sousa (2011).

Estruturalmente tem uma primeira parte com duas de caracterização pessoal e sociodemográfica, caracterização do contexto escolar e uma segunda parte com dados relativos à prática de bullying (agressor e vítima).

A escala com os dados relativos à prática de bullying é constituída por 3 fatores designados da seguinte forma.

1. Bullying direto verbal e/ou físico: itens 1,2,3,4,5,7,8,9

2. Bullying indirecto ou relacional: itens 10,12,13,14,15,18,19

3. Intimidação: itens 6,11,16,17,20,21,22

3.4 – POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população em estudo respeita aos estudantes do 6º ao 9º ano de escolaridade que frequentam a escola de Ensino Fundamental Deputado José Medeiros, localizada na cidade de São Brás-Alagoas num total de 341 alunos.

A escolha desta escola justifica-se por um lado por conhecermos a escola enquanto docente e, por outro, pelos alunos virem de diversos bairros os quais se encontram e se relacionam basicamente durante o período escolar.

Fante (2005) aponta que em tais séries ocorrem os maiores incidentes de bullying. Vale destacar que alguns trabalhos em âmbito internacional também utilizaram uma faixa etária semelhante à amostra da presente pesquisa (Pizarro & Jiménez, 2007; Ramírez, 2001).

A amostra foi não probabilística, intencional por conveniência, pois foi constituída por indivíduos facilmente acessíveis. Constituíram critérios de inclusão estar em sala de aula no momento de aplicação do questionário.

Participaram da pesquisa cento e cinquenta e seis alunos (156), sendo 61 do sexo masculino e 95 do sexo feminino. Os anos de escolaridade foram do 6º ano (44 alunos), 7º ano (39 alunos), 8º ano (36 alunos) e o 9º ano (37 alunos).

3.5 – PROCEDIMENTOS DA RECOLHA DE DADOS

Para efetuar a coleta de dados, inicialmente entrou-se em contato com a diretora da escola selecionada com a finalidade de solicitar autorização para aplicação do formulário e a quem explicamos o contexto da investigação, o projeto em causa e os objetivos do estudo.

Acertamos a metodologia de distribuição dos questionários às várias turmas da escola, foi entregue para a mesma o termo de consentimento livre e esclarecido. Estabelecemos os

dias destinados à colheita de dados e o primeiro contato com as turmas selecionadas, no qual os estudantes foram convidados a participar da pesquisa. Foi entregue para cada um dos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e explicou-se que deveriam ser lidos e assinados por seus pais ou responsáveis, no caso de consentirem a participação de seus filhos/as na nossa investigação.

Comprometemo-nos que seria mantida a confidencialidade bem como a participação voluntária dos alunos.

O questionário foi aplicado em contexto de sala de aula a todos os alunos com consentimento para participação no estudo. Colaboraram na aplicação do questionário os professores das várias turmas e os demais funcionários da referida escola os quais previamente explicaram o tema, os objetivos, a importância da colaboração e o caráter voluntário da participação.

Os questionários foram numerados e foram excluídos os questionários incompletos e no final foi elaborada uma base de dados.

3.6 – PROCEDIMENTO ESTATÍSTICO

Após a colheita de dados, efetuamos uma visualização a todos os questionários, e eliminamos aqueles que se encontravam incompletos ou mal preenchidos. Foi efetuada uma base de dados e após recolha foram introduzidos os dados e foi efetuado o tratamento estatístico dos mesmos utilizando o programa Statistical Package Social Science 21.0 para o Windows e Word Microsoft.

Na análise dos dados recorreremos à estatística descritiva com determinação das frequências absolutas (N) e percentuais (%), algumas medidas de tendência central (médias) e de dispersão ou variabilidade como amplitude de variação, coeficiente de variação e desvio padrão.

Utilizámos alguma estatística paramétrica e não paramétrica (Teste *t de student*, ANOVA, Teste de Qui Quadrado, Teste de *Kruskal-Wallis*, Teste de *U Mann-Whitney*) e correlações de Pearson.

4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos apresentar os resultados obtidos e interpretar os mais pertinentes para o estudo que estamos a realizar. Os dados foram adquiridos através da aplicação do instrumento de colheita de dados por nós utilizados.

Para a apresentação dos resultados recorreremos à utilização de tabelas efetuando as respectivas análises. Salientamos ainda o fato de, por uma questão metodológica, começamos por apresentar a caracterização sócio-demográfica e do contexto escolar dos alunos, e depois os dados referentes à escala de Bullying que aplicámos. Finalmente iremos estabelecer algumas relações entre as variáveis demográficas e de contexto escolar e as situações de vítima e de agressor (escala de Bullying).

4.1. - CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

O nosso estudo foi realizado em estudantes do 6º ao 9º ano de escolaridade que frequentam a escola de Ensino Fundamental Deputado José Medeiros, localizada na cidade de São Brás-Alagoas frequentada por um total de 341 alunos. Responderam ao questionário 156 alunos.

- **A idade e o género dos alunos**

Ao analisarmos as características sociodemográficas dos alunos verificamos que na nossa amostra é constituída por 156 alunos, maioritariamente do sexo feminino (60,9%). As idades situam-se entre os 11 e os 16 anos para ambos os sexos e a média de idades é de 12,84 para os rapazes e de 12,89 para as meninas (Tabela 1).

Tabela 1 – Estatísticas relativas à idade em função do género

Idade Género	N	%	Min	Max	Média	Mediana	Dp
Masculino	61	39,10	11	16	12,84	13,00	1,356
Feminino	95	60,90	11	16	12,89	13,00	1,440
TOTAL	156	100	11	16	12,87	13,00	1,404

Na tabela 2 podemos verificar que é no grupo com idades ≥ 14 anos que aparecem as maiores percentagens de alunos (34%). O género feminino é maioritário no grupo dos 13 anos e o masculino no grupo dos ≥ 14 anos

Tabela 2 – Caracterização dos alunos por grupos etários

variável	Masc N =61		Fem N=95		TOTAL N=156	
	N	%	N	%	N	%
Grupo etário						
11	13	21,3	20	21,1	33	21,2
12	13	21,3	20	21,1	33	21,2
13	13	21,3	24	25,3	37	23,7
≥ 14	22	36,1	31	32,6	53	34,0
TOTAL	61	100	95	100	156	100

- **Coabitação e relação familiar**

A maioria (72,1%) vive com os pais ou avós ou tios e 27,6% vivem apenas com a mãe/madrasta ou com o pai/padrasto. A maioria refere que tem uma boa relação com a família (76,3%) sendo o género feminino que em maioria tem essa boa relação (80%).

Tabela 3 – Coabitação dos alunos e relação com a família, em função do género

variável	Masc N =61		Fem N=95		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Com quem vive						
Pais /avós /tios	40	65,6	73	76,8	113	72,1
Só com mãe/pai ou padrasto ou madrasta	21	34,4	22	23,2	43	27,6
TOTAL	61	100	95	100	156	100
Relação com família						
Boa	43	70,5	76	80,0	119	76,3
Razoável	14	23,0	16	16,8	30	19,2
Má	4	6,6	13	3,2	7	4,5
TOTAL	61	100	95	100	156	100

4.2. - CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

- **Ano de escolaridade e reprovações dos alunos**

A nossa amostra tem alunos entre o 6º e o 9º ano de escolaridade em proporções semelhantes de 23,1% no 8º ano a 28,2% no 6º ano. Mais de um terço dos alunos já reprovaram alguma vez (36,5%). Nas meninas aparece uma percentagem de reprovação de 38,9% superior ao rapazes de 32,8%.

Tabela 4 – Distribuição dos alunos por ano de escolaridade e reprovações, em função do género

Variável	Género		Fem N=95		TOTAL	
	Masc N =61		N	%	N	%
Escolaridade						
6º ano	18	29,5	26	27,4	44	28,2
7º ano	15	24,6	24	25,3	39	25,0
8º ano	11	18,0	25	26,3	36	23,1
9º ano	17	27,9	20	21,1	37	23,7
Total	61	100	95	100	156	100
Reprovações						
Sim	20	32,8	37	38,9	57	36,5
Não	41	67,2	58	61,1	99	63,5
Total	61	100	95	100	156	100

Dos alunos que já reprovaram alguma vez (57 alunos) verificamos na tabela 5 que 42 alunos reprovaram uma vez (73,7%) e 15 deles (26,3%) já reprovaram 2 vezes. Nos que reprovaram 2 vezes e comparando por género, verificamos que no grupo das meninas os valores percentuais foram mais elevados (29,7%).

Tabela 5 –Número de reprovações em função do género

Variável	Género		Fem N=37		TOTAL	
	Masc N =20		N	%	N	%
Nº reprovações						
1 vez	16	80,0	26	70,3	42	73,7
2 vezes	4	20,0	11	29,7	15	26,3
TOTAL	20	100	37	100	57	100

- **Comportamentos na escola**

Com relação à **participação disciplinar**, 100 alunos responderam que já tiveram participação disciplinar (64,1%). Na suspensão de atividades, 17 alunos responderam que já foram suspensos alguma vez das atividades escolares (10,9%) e 139 alunos responderam que nunca foram suspensos da sala de aula (89,1%). No que se refere à vinda dos pais ou encarregados de educação à escola, 15 alunos responderam que isso ocorre com frequência (9,6%), 133 alunos raramente (85,3%) e 8 alunos referem que os pais nunca vieram à escola (5,1%). A distribuição por gênero é semelhante.

Tabela 6 – Variáveis escolares: participação disciplinar, suspensão atividades e vinda dos pais à escola, em função do gênero

Variável	Gênero		Fem N=95		TOTAL	
	Masc N =61		N	%	N	%
Participação disciplinar						
Sim	39	63,9	61	64,2	100	64,1
Não	22	36,1	34	35,8	56	35,9
Total	61	100	95	100	156	100
Suspensão atividades						
Sim	6	9,8	11	11,6	17	10,9
Não	55	90,2	84	88,4	139	89,1
Total	61	100	95	100	156	100
Vinda dos pais à escola						
Com frequência	6	9,8	9	9,5	15	9,6
Raramente	52	85,2	81	85,3	133	85,3
Nunca	3	4,9	5	5,3	8	5,1
Total	61	100	95	100	156	100

- **Sentimentos em relação à turma e à escola**

Procuramos saber os sentimentos dos alunos em relação à turma e à escola e verificamos que em **relação com a turma** a maioria gosta muito de sua turma (64,7%) e apenas 9 alunos responderam que não gostam da turma (5,8). Sobre a **relação com a escola** cerca de metade dos alunos gostam muito (49,4%) e 46,8% referiram gostar da escola. Uma pequena percentagem (3,8%) referiram não gostar da escola.

Quando se pergunta **como consideram a escola** que frequentam, 91,0% dos alunos afirmaram ser uma escola segura e 7,7% muito segura. Apenas um percentagem residual

respondeu que a escola é perigosa. As respostas são semelhantes entre o género masculino e feminino.

Tabela 7 – A vivência na escola: relação com a turma e com a escola e a forma como considera a escola

Variável	Género	Masc N =61		Fem N=95		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
Relação com a turma							
Não gosto		3	4,9	6	6,3	9	5,8
Gosto		18	29,5	28	29,5	46	29,5
Gosto muito		40	65,6	61	64,2	101	64,7
Total		61	100	95	100	156	100
Relação com a escola							
Não gosto		3	4,9	3	3,2	6	3,8
Gosto		27	44,3	46	48,4	73	46,8
Gosto muito		31	50,8	46	48,4	77	49,4
TOTAL		61	100	95	100	156	100
Tipo de escola							
Perigosa		-	-	2	2,1	2	1,3
Segura		59	96,7	83	87,4	142	91,0
Muito segura		2	3,3	10	10,5	12	7,7
TOTAL		61	100	95	100	156	100

- **Ocupação nos intervalos das aulas e hora do almoço**

À pergunta sobre ocupação nos intervalos das aulas e na hora do almoço a maioria dos alunos referiu que preferem passar esse tempo a conviver com os colegas da turma (92,3%). Encontramos 12 alunos que costumam andar sozinhos (7,7%) e na nossa amostra nenhum aluno passa esse tempo com os alunos de outras turmas.

Tabela 8 – Distribuição dos alunos em função do convívio nos intervalos e na hora de almoço

Variável	Género	Masc N =61		Fem N=95		TOTAL	
		N	%	N	%	N	%
Costuma andar							
Sozinho		5	8,2	7	7,4	12	7,7
Com os colegas da turma		56	91,8	88	92,6	144	92,3
Com colegas doutra turma		-	-	--	-	-	-
Total		61	100	95	100	156	100

Perguntamos aos alunos sobre o local onde costumam passar o tempo nos intervalos das aulas. Na pergunta que fizemos poderiam assinalar mais de uma resposta. Verificamos que a maioria fica à entrada da sala de aulas (43,6%) e 36,5% referiram que vão para a biblioteca e 13,5% vão para a sala de convívio.

De realçar contudo que há 10,3% dos alunos que referiram isolar-se e 3,8% referem mesmo que nos intervalos saem da escola, sendo este comportamento mais frequente nas meninas.

Tabela 9 – Distribuição dos alunos em função do local onde passam os intervalos

Local para onde vai nos intervalos	Mas		Fem		Total	
	N	%	N	%	N	%
Ficar à entrada da sala de aulas	28	17,9	40	25,6	68	43,6
Ir para a biblioteca	26	16,7	31	19,9	57	36,5
Ir para a sala de convívio	6	3,8	15	9,6	21	13,5
Ir ao bufete (bar)	10	6,4	8	5,1	18	11,5
Isolar-me	5	3,2	11	7,1	16	10,3
Ir para o campo de jogos	4	2,6	7	4,5	11	7,1
Sair da escola	1	0,6	5	3,2	6	3,8

- **Magoar colegas e faltar à escola por medo**

Perguntamos aos alunos se costumam magoar os colegas com a intenção de lhe fazer mal e verificamos pela tabela 10 que a maioria respondeu nunca ter magoado um colega com intenção de fazer mal (85,9%). Alegaram que algumas vezes magoaram colegas com intenção de fazer mal, 12,8%.

Quando perguntamos se já faltaram alguma vez à escola por medo a maioria refere que nunca faltou (86,5%) e 13,5% já faltaram algumas vezes à escola por medo.

Tabela 10 – Distribuição dos alunos em função da variável magoar colegas e faltar à escola por medo

Variável	Gênero		Fem N=95		TOTAL	
	Masc N =61		N	%	N	%
Magoar colega com intenção de fazer mal						
Nunca	53	86,9	81	85,3	134	85,9
Algumas vezes	7	11,5	13	13,7	20	12,8
Várias vezes	1	1,6	1	1,1	2	1,3
Total	61	100	95	100	156	100
Faltar à escola por ter medo de lhe fazerem mal						
Nunca	51	83,6	84	88,4	135	86,5
Algumas vezes	10	16,4	11	11,6	21	13,5
Várias vezes	-	-	-	-	-	-
Total	61	100	95	100	156	100

4.3 - FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE BULLYING

Iremos analisar os resultados obtidos pelo nosso questionário para medir a nossa variável dependente. O quadro 1 apresenta os resultados dos **tipos de agressão enquanto vítima** e o quadro 2 apresenta os resultados dos **tipos de agressão enquanto agressor**. Iremos analisar os tipos de agressão mais frequentes que foram referidos pelos alunos e que aconteceram desde o início do período escolar

4.3.1 - Tipos de agressões

- **Tipos de agressões enquanto vítimas**

Nas situações que **aconteceram 1 a 3 vezes** desde o início do período escolar e **enquanto vítimas**, o acontecimento mais frequente foi o terem *chamado nome feio* que foi referido por 123 alunos (78,8%). Verificamos que 110 alunos referem o *terem sido empurrados e terem sido perseguidos* (70,5%). Muito próximo destas percentagens (com 66,7%) aparecem o *puxarem o cabelo e o insultar*. De realçar ainda o fato de 103 alunos (66%) referirem que *lhe roubaram dinheiro*.

No que respeita às situações que **terão acontecido mais do que 3 vezes** desde o início do período escolar aparecem nos primeiros lugares os seguintes acontecimentos: *Ameaçaram-me* (32,1%), *Bateram-me (deram-me um estalo ou murro)* (27,6%), *Espalharam falsos rumores sobre mim* (26,9%), *Gozaram comigo e Obrigaram-me a fazer uma coisa que não queria fazer* (25,6%). Com 24,4% aparecem ainda *Obrigaram-me a dar dinheiro que eu tinha e Meteram-me em sarilhos (confusão)*.

Relativamente às situações que aconteceram **pele menos uma vez por semana** as percentagens são menores e sobressaíram o terem-lhe *Batido (dar um estalo ou murro)*(15 alunos) e *Dar um pontapé* (14 alunos).

Nas situações que aconteceram **mais de uma vez por semana** os alunos referem poucas situações e realçamos apenas: *Bateram-me (deram-me um estalo ou murro)*(4 alunos).

Relativamente aos comportamentos que os alunos referiram **como nunca lhe terem sido feito agressões ou seja, nunca foram vítimas desses comportamentos**, verificamos que as maiores percentagens aparecem nos itens *Ameaçaram-me*, *Espalharam falsos rumores sobre mim* e *Desprezaram-me completamente*. Os que aparecem com os **valores mais baixos** como nunca lhe terem feito, ou seja, foram as situações que mais lhe aconteceram, são: *Chamaram-me nomes feios*, e *empurraram-me e insultaram-me*.

Entre os que nunca sofreram bullying e os que já sofreram alguma vez bullying encontramos diferenças com valores altamente significativos ($p= 0,000$) em todos os tipos de agressões.

Quadro 1 – Frequência e percentagem dos tipos de agressão enquanto vítima

NA ESCOLA	Nunca	1 a 3 vezes	Mais do que 3 vezes	Uma vez por semana	Várias vezes por semana
	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)
1 – Bateram-me (deram-me um estalo ou murro)	19,9 (31)	40,4 (63)	27,4 (43)	9,5 (15)	2,5 (4)
2 – Deram-me um pontapé	21,8 (34)	57,1 (89)	12,2 (19)	8,9 (14)	-
3 – Empurraram-me	12,7 (20)	70,6 (110)	14,1 (22)	2,6 (4)	-
4 – Puxaram-me o cabelo	16,7 (26)	66,7 (104)	14,7 (23)	1,9 (3)	-
5 – Atiraram-me uma bola de propósito	15,4 (24)	66,7 (104)	14,7 (23)	3,2 (5)	-
6 – Perseguiram-me	15,4 (24)	70,5 (110)	12,8 (20)	1,3 (2)	-
7 – Chamaram-me nomes feios	9,6 (15)	78,8 (123)	9,6 (15)	1,9 (3)	-
8 – Chamaram nomes feios a alguém da minha família	20,5 (32)	55,8 (87)	21,2 (33)	2,6 (4)	-

9 – Insultaram-me	14,1 (22)	66,7 (104)	16,0 (25)	3,2 (5)	-
10 – Gozaram comigo	19,9 (31)	48,7 (76)	25,6 (40)	5,1 (8)	0,6 (1)
11 - Ameaçaram-me	28,2 (44)	38,5 (60)	32,1 (50)	1,3 (2)	-
12 – Disseram mentiras sobre mim	21,8 (34)	53,8 (84)	23,1 (36)	1,3 (2)	-
13 – Espalharam falsos rumores sobre mim	25,6 (40)	46,2 (72)	26,9 (42)	1,3 (2)	-
14 – Não me deixaram participar em jogos	16,0 (25)	59,0 (92)	22,4 (35)	2,6 (4)	-
15 – Não me escolheram para fazer parte de uma equipa	20,5 (32)	52,6 (82)	25,6 (40)	1,3 (2)	-
16 – Desprezaram-me completamente	23,1 (36)	51,3 (80)	23,7 (37)	1,9 (3)	-
17 – Roubaram-me dinheiro	11,5 (18)	66,0 (103)	20,5 (32)	1,3 (2)	0,6 (1)
18 – Danificaram uma coisa minha	10,3 (16)	64,7 (101)	23,1 (36)	1,9 (3)	-
19 – Esconderam uma coisa minha	19,2 (30)	60,9 (95)	19,9 (31)	-	-
20 – Obrigaram-me a dar dinheiro que eu tinha	17,9 (28)	55,1 (86)	24,4 (38)	1,9 (3)	1 (0,6)
21 – Obrigaram-me a fazer uma coisa que não queria fazer	20,5 (32)	50,6 (79)	25,6 (40)	3,2 (5)	-
22 – Meteram-me em sarilhos (confusão)	22,4 (35)	53,2 (83)	24,4 (38)	-	-

- **Agressões enquanto agressor**

Nas situações que **aconteceram 1 a 3 vezes enquanto agressor**, desde o início do período escolar, o acontecimento mais frequente foi o terem *obrigado colegas a darem o dinheiro* que tinham por 102 alunos (65,4%). Referidos por 64,1% alunos aparecem o *terem roubado o dinheiro dos colegas* (64,1%). Com percentagens inferiores e semelhantes (59,6%) refriram o *empurrar, insultar e não chamar o colega para fazer parte de sua equipe*.

No que respeita às situações que **terão acontecido mais do que 3 vezes** aparecem nos primeiros lugares os seguintes acontecimentos: *metê-los em confusão* (32,1%), *esconder e danificar uma coisa dele/dela* (27,6%), *desprezá-lo completamente* (26,9%) e *chamar de nomes feios* (25,6%).

Relativamente às situações que aconteceram **pelo menos uma vez por semana** as percentagens são globalmente menores e sobressaíram *gozar com ele, não o escolher para fazer parte de minha equipe, danificar uma coisa dele e meter em confusão*, todos com 5,1%.

Nas situações que aconteceram **mais de uma vez por semana** os alunos referem poucas situações e realçamos apenas: *Espalhei falsos rumores contra ele/ela* (4 alunos) e *insultei-o* (3 alunos).

Relativamente aos comportamentos que os alunos referiram **como nunca terem feito agressões a outros** verificamos que as maiores percentagens aparecem nos itens *bater no colega* que foi referido por 29,5% de alunos, *dar pontapés* (26,9%), *empurrar* (22,4%) e *puxar no cabelo* (23,1%). Os comportamentos que aparecem com os valores mais baixos, ou seja comportamentos que nunca fizeram aos outros são: *roubar o dinheiro, obrigar a dar dinheiro que tinha e meter em confusão*.

Quadro 2 – Frequência e percentagem dos tipos de agressão enquanto agressor

NA ESCOLA	Nunca	1 a 3 vezes	Mais do que 3 vezes	Uma vez por semana	Várias vezes semana
	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)
1 – Bati num colega (dei um estalo ou murro)	29,5 (46)	59,0 (92)	11,5 (18)	-	-
2 – Dei-lhe um pontapé	26,9 (42)	53,8 (84)	17,3 (27)	1,3 (2)	0,6 (1)
3 – Empurrei-o	22,4 (35)	59,6 (93)	16,7 (26)	1,3 (2)	-
4 – Puxei-lhe o cabelo	23,1 (36)	57,7 (90)	16,0 (25)	3,2 (5)	-
5 – Atirei-lhe uma bola de propósito	19,9 (31)	57,1 (89)	21,2 (33)	1,9 (3)	-
6 – Persegui essa pessoa	21,2 (33)	54,5 (85)	22,4 (35)	1,9 (3)	-
7 – Chamei-lhe nomes feios	16,7 (26)	55,8 (87)	25,6 (40)	1,9 (3)	-
8 – Chamei nomes feios a alguém da sua família	19,2 (30)	57,1 (89)	21,2 (33)	0,6 (1)	-
9 – Insultei-o(a)	14,7 (23)	59,6 (93)	19,9 (31)	3,8 (6)	1,9 (3)
10 – Gozei com ele/ela	17,3 (27)	54,5 (85)	21,8 (34)	5,1 (8)	1,3 (2)
11 – Ameacei-o(a)	21,2 (33)	52,6 (82)	22,4 (35)	3,2 (5)	0,6 (1)
12 – Disse mentiras sobre essa pessoa	16,0 (25)	59,0 (92)	21,8 (34)	1,9 (3)	1,3 (2)
13 – Espalhei falsos rumores sobre ele ou ela	17,9 (28)	57,1 (89)	19,9 (31)	2,6 (4)	2,6 (4)
14 – Não o(a) deixei participar em jogos	17,9 (28)	57,7 (90)	21,8 (34)	1,9 (3)	0,6 (1)
15 – Não o(a) escolhi para fazer parte de minha equipa	16,0 (25)	59,6 (93)	18,6 (29)	5,1 (8)	0,6 (1)
16 – Desprezei-o(a) completamente	13,5 (21)	55,8 (87)	26,9 (42)	3,8 (6)	-
17 – Roubei-lhe dinheiro	10,9 (17)	64,1 (100)	21,2 (33)	3,2 (5)	0,6 (1)
18 – Danifiquei uma coisa dele/dela	10,9 (17)	56,4 (88)	27,6 (43)	5,1 (8)	-
19 – Escondi uma coisa dele/dela	12,2 (19)	56,4 (88)	27,6 (43)	3,2 (5)	0,6 (1)
20 – Obriguei-o(a) a dar-me o dinheiro que ele tinha	9,6 (15)	65,4 (102)	21,2 (33)	3,2 (5)	0,6 (1)
21 – Obriguei-o(a) a fazer uma coisa que ele/ela não queria fazer	19,9 (31)	53,2 (83)	23,7 (37)	2,6 (4)	0,6 (1)
22 – Meti-o(a) em sarilhos (confusão)	10,9 (17)	51,9 (81)	32,1 (50)	5,1 (8)	-

4.3.2–Formas de Bullying

- **Formas de bullying enquanto VITIMA**

Como referimos na metodologia, a escala com os dados relativos à prática de bullying é constituída por 3 fatores: **Bullying direto verbal e/ou físico** (itens 1,2,3,4,5,7,8,9); **Bullying indirecto ou relacional** (itens 10,12,13,14,15,18,19); **Intimidação** (itens 6,11,16,17,20,21,22).

Considerando que os fatores não têm o mesmo número de itens, para efeitos de comparação de scores optamos pela sua transformação matemática consignando um valor percentual com uma amplitude de 0 a 100% utilizando a seguinte fórmula $[(\text{valor bruto} - \text{mínimo esperado})/\text{amplitude}]*100$. Assim iremos trabalhar com médias percentuais em cada fator.

Verificamos pela tabela 11 que todos os alunos já sofreram alguma das formas de bullying. As médias percentuais são muito idênticas (entre 26,78 e 27,34) nas três formas de bullying enquanto vítimas e ficam abaixo dos 50% (média percentual total global 27,12). Os valores mais elevados aparecem na intimidação onde 57,14% referiram ter sofrido intimidação.

Tabela 11 – Estatísticas das formas de Bullying enquanto vítimas

	N	%	Min	Max	Média percentual	Mediana	Dp
Bullying Direto (verbal e /ou físicos)	156	100	12,5	46,8	27,343	28,125	6,123
Bullying Indireto (relacional)	156	100	7,14	46,43	27,220	25,000	6,936
Intimidação	156	100	7,14	57,14	26,785	28,571	7,529
Total	156	100	19,32	38,64	27.127	13,675	3,697

Realizámos a correlação entre as formas de bullying enquanto vítima e no quadro 3 podemos verificar que há uma correlação positiva embora não significativa entre o bullying indireto e o bullying direto, ou seja, quando aumenta o bullying direto também aumenta o indireto.

Verifica-se uma correlação negativa entre quem sofre intimidação e quem sofre bullying direto e indireto, ou seja, quando aumenta a itimidação diminui o bullying direto e indireto e vice versa.

Pela variancia explicada (quadrado da correlação de pearson x 100) verificamos que o valor global é influenciado por cada uma das formas de bullying com valores próximos dos 30%: bullying direto explica 28,5%; indireto com 32,8% e intimidação com 26,9%.

Quadro 3 - Correlação entre as formas de bullying enquanto vítima

VITIMA		Bullyng Direto	Bullying Indireto	Intimidação
Bullying Indireto	C. Pearson	.039		
	Sig.	.625		
Intimidação	C. Pearson	-.141	-.073	
	Sig.	.078	.363	
Global	C. Pearson	.534**	.573**	.519**
	Sig.	.000	.000	.000

- **Formas de bullying enquanto AGRESSOR**

Verificamos pela tabela 12 que todos os alunos do nosso estudo também praticaram formas de bullying. As médias percentuais são muito idênticas (entre 25,52 e 29,34) nas três formas de bullying enquanto agressores. Os valores mais elevados aparecem no bullying indireto onde 60,71% referiram ter praticado o bullying indireto.

Comparando com a tabela anterior verificamos que os alunos em estudo sofrem (são vítimas) em maior número de formas de intimidação, mas enquanto agressores praticam mais o bullying indireto.

Tabela 12 – Estatísticas das formas de Bullying enquanto agressor

	N	%	Min	Max	Média percentual	Mediana	Dp
Bullying Direto (verbal e /ou físicos)	156	100	9,38	40,63	25,520	25,000	6,228
Bullying Indireto (relacional)	156	100	14,29	60,71	29,349	28,571	7,134
Intimidação	156	100	7,14	42,86	29,166	28,571	6,688
total	156	100	15,91	42,86	27,899	28,409	3,821

Realizámos a correlação entre as formas de bullying enquanto agressor e verificámos que os dados são semelhantes aos verificados enquanto vítima. No quadro 4 podemos verificar que há uma correlação positiva embora não significativa entre o bullying indireto e o bullying direto, ou seja, quando aumenta o bullying direto também aumenta o indireto.

Verifica-se uma correlação negativa entre quem pratica intimidação e quem pratica bullying direto e indireto, ou seja, quando aumenta a itimidação diminui o bullying direto e indireto e vice versa, ou seja, quando aumenta o bullying direto e indireto, diminui a intimidação.

Pela variância explicada (quadrado da correlação de pearson x 100) verificamos que o valor global é influenciado por cada uma das formas de bullying com valores um pouco mais elevados do que na posição de vítima: bullying direto com 35,76%; indireto com 37,69% e intimidação com 25,40%.

Quadro 4 - Correlação entre as formas de bullying enquanto agressor

AGRESSOR		Bullyng Direto	Bullyng Indireto	Intimidação
Bullyng Indireto	C. Pearson	.064		
	Sig.	.429		
Intimidação	C. Pearson	-.064	-.032	
	Sig.	.475	.690	
Global	C. Pearson	.598**	.614**	.504**
	Sig.	.000	.000	.000

- **Diferenças entre o grupo de vítimas e o grupo de agressores**

Para avaliar se há diferenças entre o grupo de vítimas e o grupo de agressores efetuámos um teste T emparelhado e verificamos que existem diferenças muito significativas. Relativamente à forma de bulliyng direto os valores são mais elevados enquanto vítimas do que enquanto agressores. Por outro lado no bulliyng indireto e na intimidação os valores são superiores enquanto agressores.

Tabela 13 – Diferenças entre o grupo de vítimas e o grupo de agressores

	Formas bullying	N	Média %	Dp	Diferença médias	t	p
Bullying Direto (físico ou verbal)	vítima	156	27,343	6.123	1.822	2,696	.008
	agressor	156	25,520	6.228			
Bullying Indireto (relacional)	vítima	156	27,220	6.936	- 2.129	-2.729	.007
	agressor	156	29,349	7.134			
Intimidação	vítima	156	26,785	7.529	-2.380	-2.920	.004
	agressor	156	29,166	6.688			
Global	vítima	156	27,127	3.697	-.772	-1.926	.056
	agressor	156	27,899	3.821			

4.3.3–Relação entre as Formas de Bullying e as variáveis

- **Formas de Bullying e género**

No que respeita à influência da variável género, quer enquanto vítima quer enquanto agressor, podemos verificar nas tabelas seguintes (Tabelas 14 e 15) os resultados do *teste t de Student*. Os sujeitos do sexo masculino não se diferenciam estatisticamente dos do sexo feminino nas formas de bullying, ou seja, há uma homogeneidade nas diferentes formas de bullying enquanto vítimas.

Numa análise dos valores *per se* verificamos que **enquanto vítimas** são as meninas que sofrem mais bullying direto e os rapazes sofrem mais bullying indireto e intimidação (tabela 14).

Tabela 14 – Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA em função do género

	Género	N	Media %	Dp	Leven (p)	t	p
Bullying Direto (físico ou verbal)	Masc	61	26,946	6,608	.078	- .648	.518
	Femin	95	27,598	5,831			
Bullying Indireto (relacional)	Masc	61	28,044	6.612	.771	1.190	.236
	Femin	95	26,691	7.120			
Intimidação	Masc	61	27,049	8.562	.201	.349	.727
	Femin	95	26,616	6.827			
Global	Masc	61	27,328	4.073	.172	.544	.587
	Femin	95	26,997	3.452			

Enquanto agressores também não há diferenças estatísticas significativas entre os sexos, contudo as meninas utilizam mais o bullying indireto e intimidação e os rapazes utilizam mais o bullying direto (tabela15).

Tabela 15– Tipo de Bullying enquanto AGRESSOR em função do gênero

	Gênero	N	Media%	Dp	Leven (p)	t	p
Bullying Direto (físico ou verbal)	Masc	61	25,256	6,231	0,881	- .424	.672
	Femin	95	25,090	6,252			
Bullying Indireto (relacional)	Masc	61	28,900	7,169	0,863	.632	.529
	Femin	95	29,060	7,135			
Intimidação	Masc	61	28,688	7,201	0,226	- .714	.476
	Femin	95	29,473	6,358			
Global	Masc	61	27,794	4,115	,0606	- .274	.785
	Femin	95	27,966	3,640			

- **Formas de Bullying e grupo etário**

No que respeita à influência do grupo etário nas formas de bullying, **quer enquanto vítima quer enquanto agressor**, utilizamos o Teste ANOVA e não se verificaram diferenças estatísticas entre as idades dos alunos e as diversas formas de bullying (bullying direto, indireto e intimidação)

Tabela 16 - Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA em função dos grupos de idade

	idade	N	Méd %	Dp	F	p
Bullying Direto (físico ou verbal)	11 anos	33	26,60	5,74	0,467	.706
	12	33	26,89	5,73		
	13	37	28,20	6,13		
	>14	53	27,47	6,63		
Bullying Indireto (relacional)	11 anos	33	25,86	7,68	1,253	.293
	12	33	27,59	8,19		
	13	37	28,86	5,54		
	>14	53	26,68	6,40		
Intimidação	11 anos	33	26,73	8,42	.313	.816
	12	33	27,05	6,87		
	13	37	27,60	8,27		
	>14	53	26,07	6,95		

Tabela 17 - Tipo de Bullying em função dos grupos de idade enquanto AGRESSOR

	idade	N	Med %	Dp	F	p
Bullying Direto (físico ou verbal)	11 anos	33	25.66	6.03	.679	.566
	12	33	25.47	6.15		
	13	37	26.60	7.46		
	>14	53	24.70	5.45		
Bullying Indireto (relacional)	11 anos	33	29.76	7.23	.385	.764
	12	33	29.97	8.37		
	13	37	29.63	6.56		
	>14	53	28.50	6.73		
Intimidação	11 anos	33	28.03	6.68	.449	.719
	12	33	29.11	6.12		
	13	37	29.72	6.30		
	>14	53	29.51	7.35		

- **Formas de Bullying e relação familiar**

No que respeita à influência da variável relação com a família nas formas de bullying, quer enquanto vítima quer enquanto agressor, podemos verificar nas tabelas 18 e 19 que os resultados do *Teste Kruskal Wallis* não dão diferenças significativas nas várias formas de bullying. Atendendo às ordenações médias, verificamos que os que referem ter uma boa relação com a família apresentam valores mais elevados enquanto vítimas de bullying direto e indireto e menos elevados na forma de intimidação.

Tabela 18– Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA em função da relação familiar

Formas bullying como VÍTIMA	Relação Familiar			X ²	p
	Boa OM	Razoável OM	Má OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	78,89	77,12	77,79	.040	.980
Bullying Indireto (relacional)	80,94	72.67	62.00	1.836	.399
Intimidação	76.18	87.07	81.14	1.452	.484

Enquanto agressores, os que têm boa relação com a família têm valores mais baixos em todas as formas de bullying.

Tabela 19– Tipo de Bullying enquanto AGRESSOR em função da relação familiar

Formas bullying como AGRESSOR	Relação Familiar			X ²	p
	Boa OM	Razoável OM	Má OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	74.92	92.37	79.86	3.662	.160
Bullying Indireto (relacional)	77.05	80.27	95.50	1.189	.552
Intimidação	78.43	83.00	60.43	1.458	.482

- **Formas de Bullying e existência de reprovações**

No que respeita à influência das reprovações nos tipos de bullying podemos verificar na tabela 20 que os resultados do *Teste t de Student* não mostram diferenças significativas em nenhuma das formas de bullying enquanto vítimas. Contudo os que reprovaram apresentam valores mais elevados em todos os tipos de bullying enquanto vítimas.

Tabela 20– Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA em função do reprovação

	Reprovações	N	Med %	Dp	Leven (p)	t	P
Bullying Direto (físico ou verbal)	Sim	57	28.015	6.809	.326	1.040	.300
	Não	99	26.957	5.692			
Bullying Indireto (relacional)	Sim	57	28.258	6.656	.660	1.422	.157
	Não	99	26.623	7.056			
Intimidação	Sim	57	27.193	7.385	.540	.511	.610
	Não	99	26.551	7.638			
Global	Sim	57	27.830	3.854	.798	1.817	.071
	Não	99	26.721	3.561			

Enquanto agressor podemos verificar na tabela 21 que os resultados do *Teste t de Student* não mostram diferenças significativas em nenhuma das formas de bullying. Enquanto agressores os que reprovaram utilizam mais o bullying direto e a intimidação e menos o indireto.

Tabela 21 –Tipo de Bullying enquanto AGRESSOR em função da reprovação

	Reprovações	N	Méd %	Dp	Leven (p)	t	P
Bullying Direto (físico ou verbal)	Sim	57	25.54	6.606	.509	.042	.967
	Não	99	25.50	6.034			
Bullying Indireto (relacional)	Sim	57	29.19	7.335	.248	-.201	.841
	Não	99	29.43	7.052			
Intimidação	Sim	57	29.88	7.099	.410	1.021	.309
	Não	99	28.75	6.440			
Global	Sim	57	28.09	3.655	.414	.472	.637
	Não	99	27.79	3.927			

- **Formas de Bullying e participação disciplinar**

No que respeita à relação entre a existência de participação disciplinar e as formas de bullying enquanto vítima, podemos verificar na tabela 22 que os resultados do *Teste de Mann-Whitney* mostram diferenças ligeiramente significativas relativamente ao bullying direto com médias ordenadas mais elevadas nos que não tiveram participação disciplinar, ou seja os que não tiveram participação disciplinar sofreram mais bullying direto.

Verificamos que os que tiveram participação disciplinar apresentam ordenações médias mais elevadas enquanto vítimas no bullying indireto e na intimidação mas sem significância estatística.

Tabela 22 – Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA em função do participação disciplinar

Participação Disciplinar Formas bullying como VITIMA	Sim	Não	UMW	p
	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	73.24	87.89	2274.000	.049
Bullying Indireto (relacional)	79.68	76.40	2682.500	.659
Intimidação	80.30	75.29	2620.500	.502
GLOBAL	76.56	81.96	2606.000	.471

Os resultados do *Teste de Mann-Whitney* mostram diferenças ligeiramente significativas relativamente ao bullying direto enquanto agressores, com médias ordenadas mais elevadas nos que não tiveram participação disciplinar.

Nas outras formas de bullying verificamos pela tabela 23 que as diferenças não são significativas, contudo os que não tiveram participação disciplinar, apresentam ordenações médias mais elevadas enquanto agressores.

Tabela 23 – Tipo de Bullying enquanto AGRESSOR, em função do participação disciplinar

Participação Disciplinar Formas bullying como AGRESSOR	Sim	Não	UMW	p
	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	72.47	89.28	2196.500	.024
Bullying Indireto (relacional)	76.05	82.88	2555.000	.359
Intimidação	78.02	79.36	2752.000	.857
GLOBAL	73,54	87,37	2323.500	.065

- **Formas de Bullying e o sentimento em relação à turma e à escola**

No que respeita à relação entre o sentimento do aluno em relação à turma que frequenta e as formas de bullying, quer enquanto vítima quer enquanto agressor, podemos verificar nas tabelas 24 e 25 que os resultados do *Teste de Kruskal-Wallis* mostram que não há diferenças significativas relativamente às formas de bullying e o sentimento em relação à turma.

De realçar na tabela 24 que os que gostam da turma são mais vítimas de bullying direto e indireto e os que não gostam da turma são vítimas de maior intimidação pois têm ordenações médias mais elevadas.

Tabela 24 – Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA, em função do sentimento em relação à turma

Relação com Turma Formas bullying como VITIMA	Não gosto	Gosto	Gosto muito	X ²	p
	OM	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	73.39	83.65	76.61	.912	.634
Bullying Indireto (relacional)	61.44	84.87	77.12	2.362	.307
Intimidação	105.22	75.09	77.67	3.535	.171

De realçar nos dados da tabela 25 que os que não gostam da turma são mais agressores na forma de bullying direto e indireto. Os que gostam ou gostam muito exercem maior intimidação.

Tabela 25 –Bullying enquanto AGRESSOR, em função do sentimento em relação à turma

Relação com Turma Formas bullying como AGRESSOR	Não gosto	Gosto	Gosto muito	X ²	p
	OM	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	95.89	76.68	77.78	1.467	.480
Bullying Indireto (relacional)	84.61	82.17	76.28	.731	.694
Intimidação	64.83	79.37	79.32	.899	.638

No que respeita à relação entre o sentimento do aluno em relação à escola que frequenta e as formas de bullying, quer enquanto vítima quer enquanto agressor, podemos verificar nas tabelas 26 e 27 que os resultados do *Teste de Kruskal-Wallis* mostram que não há diferenças significativas relativamente às formas de bullying e o sentimento em relação à escola.

Verificamos que quem gosta muito da escola é mais vítima de bullying direto e indireto.

Tabela 26 – Tipo de Bullying enquanto VÍTIMA, em função do sentimento em relação à escola

Relação com Escola Formas bullying como VÍTIMA	Não gosto	Gosto	Gosto muito	X ²	p
	OM	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	83.42	72.82	83.51	2.224	.329
Bullying Indireto (relacional)	71.50	78.60	78.95	.157	.925
Intimidação	74.75	81.38	76.06	.578	.749

Verificamos contudo que quem não gosta da escola é mais agressor nas formas de bullying direto e indireto e os que gostam exercem mais intimidação

Tabela 27 –Bullying enquanto AGRESSOR em função do sentimento em relação à escola

Relação com Escola Formas bullying como AGRESSOR	Não gosto	Gosto	Gosto muito	X ²	p
	OM	OM	OM		
Bullying Direto (físico ou verbal)	95.92	80.48	75.27	1.460	.482
Bullying Indireto (relacional)	95.33	71.21	84.10	4.023	.134
Intimidação	51.58	77.37	81.67	2.627	.269

4.3.4–Auto avaliação enquanto vítima e agressor

Nas últimas questões do questionário solicitamos aos alunos que numa auto avaliação nos referissem se alguma vez se sentiram vítimas de agressão e se consideram que agrediram alguém. No questionário avaliamos alguns acontecimentos/comportamentos vividos no dia a dia e pretendemos agora que nos refiram se consideram que foram vitimas ou agressores pois poderão considerar esses acontecimentos como normais em brincadeiras de crianças.

Na tabela 28 verificamos que a maioria considera que foi alguma vez (54,5%) ou muitas vezes (44,9%) vitima de bullying. Apenas um aluno considera que nunca foi vitima.

Tabela 28 – Auto avaliação enquanto VITIMA

Vítima	Nº	%
Nunca fui vítima	1	0,6
Algumas vezes vítima	85	54,5
Muitas vezes vítima	70	44,9
Total	156	100

Na tabela 29 verificamos que a maioria dos alunos (71,8%) consideram que foram alguma vez agressor, 15,4% referem que foram muitas vezes agressores e aparecem 20 alunos (12,8%) a dizer que nunca foram agressores.

Tabela 29 – Auto avaliação enquanto AGRESSOR

Agressor	Nº	%
Nunca fui agressor	20	12,8
Algumas vezes agressor	112	71,8
Muitas vezes agressor	24	15,4
	156	100

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após termos apresentado os resultados nas tabelas anteriores iremos agora refletir sobre eles e comparar com outros estudos.

Destacamos como limitação metodológica deste estudo o tamanho da amostra, pois é mais reduzida quando comparada com outras amostras de outros estudos o que limita a generalização dos resultados.

A nossa amostra foi constituída por **156 alunos** sendo maioritariamente do sexo feminino (60,9%). São alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade e a idade situa-se entre os 11 anos e os 16 anos com uma média de 12,87 anos. A maioria coabita com os pais e têm uma boa relação familiar.

Nas variáveis escolares verificamos que cerca de um terço dos alunos já reprovaram (36,5%) e destes 26,3% já reprovaram duas vezes. Consideramos que as taxas de reprovação são elevadas e este fato pode levar a comportamentos desviantes pois como nos diz Pereira et al. (2004) quanto mais reprovações tiver uma criança mais probabilidade tem de ser agressivo.

A grande maioria dos alunos **gosta ou gosta muito da turma** (93,2%) **e da escola** (96,2%) e consideram a sua escola segura (91%). Consideramos estes aspetos muito importantes pois demonstra uma boa relação com os colegas e com os professores/trabalhadores da escola e pode ser facilitador do processo ensino aprendizagem pela motivação que os alunos sentem. O não gostar da escola pode ser um elemento favorecedor do bullying.

Tiveram **participação disciplinar** 64,1% dos alunos e 10,9% já foram suspensos alguma vez das atividades escolares sendo os valores semelhantes entre os rapazes e as meninas. Estes dados surpreenderam-nos tanto mais que os alunos gostam da escola e da turma.

É referido pelos alunos que os **pais vão raramente à escola** (85,3%) ou nunca vão (5,1%) o que pode demonstrar falta de envolvimento dos pais no acompanhamento da vida da escola e pode dificultar a criação de uma parceria no combate ao bullying. Chalita (2008)

ressalva que é importante os pais preocuparem-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos, pois uma família equilibrada tende a gerar filhos equilibrados. Por outro lado a família deve estar atenta aos sinais que podem identificar situações de bullying e deve ser o porto seguro para as crianças e onde a comunicação seja franca e fácil de forma que auxilie na identificação das causas, caso a criança esteja a ser vítima ou agressora (Silva, 2011).

Relativamente ao **convívio dos alunos nos intervalos das aulas** e na hora do almoço a grande maioria passa esse tempo com os colegas da sua turma (92,3%). Quanto ao local onde passam o tempo livre na escola verificamos que os locais mais favoritos são junto à sala de aula, ir para a biblioteca ou ir para a sala de convívio ou bufete (bar). Poderemos compreender as opções dos alunos nomeadamente ficarem junto à sala de aula, pelo fato de gostarem da turma e terem com os colegas mais tempo de convívio, partilha e de relacionamentos e como tal de confiança mútua. A sala de convívio é um local de socialização com os pares pois não existindo os alunos terão tendência a ir para o exterior da escola correndo riscos de outra espécie como seja o consumo de substâncias prejudiciais à saúde. De referir contudo que as salas de convívio poderão ser um local onde poderão ocorrer comportamentos de risco e como tal devem ter uma vigilância cuidada.

Ao perguntamos aos alunos se costumam magoar os colegas com a intenção de lhe fazer mal verificamos que 13,1% já o fizeram sendo os valores semelhantes entre rapazes e meninas.

Embora a maioria (86,5%) nunca faltou à escola por ter medo de lhe fazerem mal, foi referido por 13,5% dos alunos que já faltaram algumas vezes à escola por medo. Isto pode denotar a existência de bullying de forma a alguns alunos se sentirem inseguros.

Quanto às formas de **manifestação de bullying** verificamos que o tipo de agressões **enquanto vítimas** que aconteceram 1 a 3 vezes no período foram o terem *chamado nome feio*; o terem sido empurrados; terem sido perseguidos; puxarem o cabelo e o insultar. Tipos de agressões enquanto vítimas que aconteceram mais de 3 vezes foram: *Ameaçaram-me*; *bateram-me (deram-me um estalo ou murro)*; *espalharam falsos rumores sobre mim*. Pelo menos uma vez por semana os alunos referem que lhe *bateram (dar um estalo ou murro)* e *deram pontapés*. Nas situações que aconteceram mais de 1 vez por semana sobressaiem o *Bater (dar um estalo ou murro)*. Verificamos que as agressões referidas enquanto vítimas foram as agressões diretas (verbal ou físicas) que predominam na nossa amostra

Quanto à formas de **manifestação de bullying** enquanto **agressores** verificamos que os valores percentuais são menores e o tipo de agressões que aconteceram 1 a 3 vezes no período foram o ter *obrigado colegas a darem o dinheiro e terem roubado o dinheiro dos colegas*. Tipos de agressões enquanto agressores que realizaram mais de 3 vezes foram: *metê-los em confusão; esconder e danificar uma coisa dele/dela; desprezá-lo completamente e chamar de nomes feios*. Pelo menos uma vez por semana os valores são menores e os alunos referem que realizaram os seguintes tipos de agressão: *gozar com ele; não o escolher para fazer parte de minha equipe; danificar uma coisa dele e meter em confusão*. Nas situações que aconteceram mais de uma vez por semana os alunos referem poucas situações e são mais formas de bullying indireto (ex: *Espalhei falsos rumores contra ele/ela*)

No global e **enquanto vítimas** verificamos que a forma de bullying por intimidação aparece com valores mais elevados. Verificamos uma correlação positiva entre o bullying direto (verbal e/ou físico) e o indireto ou relacional, ou seja, quando aumenta o bullying direto também aumenta o indireto. Verificamos uma correlação negativa entre quem sofre intimidação e quem sofre bullying direto e indireto, ou seja, quando aumenta a intimidação diminui o bullying direto e indireto.

No global e **enquanto agressores** verificamos que a forma de bullying indireto aparece com valores mais elevados. Também existe uma correlação positiva entre o bullying direto (verbal e/ou físico) e o indireto ou relacional, ou seja, quando aumenta o bullying direto também aumenta o indireto. Verificamos também uma correlação negativa entre quem sofre intimidação e quem sofre bullying direto e indireto, ou seja, quando aumenta a intimidação diminui o bullying direto e indireto.

Encontramos diferenças entre o grupo de vítimas e de agressores: no bullying direto os valores são mais elevados enquanto vítimas do que enquanto agressores o que poderá indicar que os agressores têm várias vítimas de bullying direto. Por outro lado no bullying indireto e na intimidação os valores são superiores enquanto agressores o que poderá indicar que as vítimas desta forma de bullying sofrem bullying de vários agressores.

Enquanto vítimas não há diferenças significativas entre gêneros mas verificamos que os rapazes são mais vítimas de intimidação e de bullying indireto e as meninas de bullying direto.

Enquanto agressores as meninas utilizam mais o bullying indireto e intimidação e os **rapazes utilizam mais o bullying direto** quer seja de forma física ou de forma verbal. Os resultados do nosso estudo onde os rapazes estão mais envolvidos em situações de bullying

direto vão de encontro a outros realizados por Olweus e como citado por Martins (2005), Pereira (2008). Por outro lado as raparigas utilizam sobretudo a agressão indireta o que também é corroborado por Grocholsky (2010), que refere que é mais frequente entre as meninas a difamação e a exclusão. No mesmo sentido Chalita, (2008) refere que o bullying direto é mais comum entre meninos e o bullying indireto é mais comum entre as meninas.

Silva (2010) refere que os meninos usam mais a força física e com modos mais aparentes. A vítima é atacada diretamente pelo agressor, empregando agressões físicas como: empurrar, chutar, tomar pertences, empurrões, roubos; e as atitudes verbais que são as ofensas. Já as meninas costumam praticar *bullying* mais na forma de diz-que-diz-que, boatos e por meio de afastamento entre as colegas, podendo, com isso, passar despercebidas, advertindo ainda que a linguagem não verbal é muito usada através de olhares intimidatórios, desqualificantes e aterrorizadores. As estratégias empregadas são atitudes de indiferença, difamações, rumores, boatos humilhantes sobre a vítima e familiares, entre outros.

Na relação entre as formas de bullying e a idade não verificamos diferenças estatísticas poderá ficar a dever-se em nossa opinião ao fato das idades serem muito próximas. Foi contudo nos alunos de 13 anos onde se verificaram ordenações médias mais elevadas nas várias formas de bullying.

Procuramos saber se a **relação que os alunos têm com a família** interfere nas formas de bullying e verificamos que os que têm uma boa relação com a família são menos agressores em todas as formas de bullying sendo contudo mais vítimas de bullying direto e indireto. Os nossos resultados tendem para o princípio de que os alunos com uma melhor relação familiar apresentam menores probabilidades de incorrerem em comportamentos de bullying. Grocholski (2010) reforça a ideia de que na relevância dos contextos sociais dos adolescentes desencadeadores de violência para além da pouca ou inexistente atração pela escola está o mau relacionamento com a família e a desagregação familiar. Os modelos parentais influenciam o comportamento das crianças e como diz Carvalhosa (2010) a falta de atenção e afeto e a falta de controlo de comportamento agressivo em casa ou falta de supervisão são favorecedores de comportamentos agressivos e de bullying. Nunes (2012) refere que muitas vezes a falta de respeito para com a autoridade começa em casa com pais negligentes e permissivos e Lourenço et al (2009) acrescentam que os os jovens que passam mais tempo sem a companhia de adultos e/ou com um pobre envolvimento afetivo com os pais são reconhecidamente maior utilizadores de *bullying* com seus pares.

Os **alunos reprovados**, embora sem significância estatística, mostram valores mais elevados em todas as formas de bullying equanto vitimas. Como agressores os que reprovaram utilizam mais o bullying direto e a intimidação.

Os alunos que **não gostam da turma** e os que **não gostam da escola** são mais agressores na forma de bullying direto e indireto. Follman (2012) refere que o gosto pela escola influencia a aprendizagem, desempenhos satisfatórios e os relacionamentos positivos e quando a criança não gosta da escola é mais fácil surgirem comportamentos geradores de tensão e violência.

Encontramos alguns resultados aparentemente contraditórios no que respeita à relação entre a participação disciplinar a a prática de bullying, pois os que não tiveram participação disciplinar apresentam ordenações médias mais elevadas do que os que tiveram participação disciplinar o que nos leva a pensar em alguma impunidade dos agressores ou estratégias que os próprios utilizam, como seja enganar os professores ou ameaçar as vítimas para que não os revelem.

Quando perguntamos aos alunos que numa auto avaliação nos referissem se alguma vez se sentiram vítimas de agressão e praticamente todos os alunos consideram que já foram vitimas, algumas vezes ou muitas vezes (apenas um refere que nunca foi vitima). Quanto perguntamos se já agrediram alguém encontramos 12,8% a dizerem que nunca foram agressores. Podemos concluir que alguns dos alunos praticam comportamentos de agressão entendidos como tal pelas vitimas mas que os próprios não consideram agressão.

6 - CONCLUSÕES

Em todos os tempos e em todos os países os jovens sempre tiveram comportamentos de desafio à autoridade e às regras instituídas, nem sempre por intenção de fazer mal mas para testar os seus limites. Os comportamentos desajustados e indisciplinados são uma realidade nas nossas escolas e enquanto professora é uma problemática que me preocupa e como tal foi desafiador fazer uma reflexão sobre a problemática do bullying. Este fenómeno mesmo não sendo muito frequente é preocupante pelas sequelas que pode provocar nas vítimas e nos agressores como nos próprias testemunhas na imagem que dá da escola para a família e sociedade como lugar inseguro e onde a formação está a falhar.

A raiz da violência na escola é um problema complexo em que intervêm múltiplas causas. Dos fatores que exercem mais influência realçamos os de ordem familiar, como sejam a falta de diálogo entre pais/filhos/ professores; falta de envolvimento nos problemas da escola; permissividade; falta de tolerância e respeito; falta de limites e de supervisão; disciplina física rígida; vitimização por irmão/familiar mais velho. Uma criança criada num ambiente de carinho e afeto torna-se mais confiante e com relações sociais mais fáceis.

O grupo de pares também influencia, nomeadamente os amigos provocadores/ agressores ou que estimulam a violência. Por vezes a escola também não está desperta para o fenómeno, ou não conseguem identificar as manifestações de bullying quando identificam e nem sempre existe quem esteja disponível para escutar os alunos e dar orientações de como agir. Pereira (2009) destaca que o papel da escola na atualidade sofreu mudanças drásticas e vai além da função de formação académica, adicionando também funções como a socialização, formação de carácter e cidadania.

A própria sociedade também exerce influência na formação dos jovens e nos dias de hoje são frequentes situações de violência na sociedade e a comunicação social dar relevo a essa violência na vida quotidiana e nos programas televisivos, mesmo nos programas infantis.

Nestes capítulo iremos apresentar algumas conclusões do nosso estudo sobre manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º anos de escolaridade numa escola de ensino fundamental de Alagoas.

Na pesquisa que nos propusemos realizar, os nossos objetivos foram alcançados, pois com a metodologia utilizada conseguimos avaliar a existência e as formas de manifestação de bullying na escola atrás referida, identificamos algumas características sociodemográficas e de contexto escolar que influenciam os comportamentos de bullying.

Este estudo veio mais uma vez evidenciar a importância dos contextos sociais do jovem. A família, o envolvimento escolar, a relação com os professores e o estabelecimento de laços de amizade com os pares são variáveis que devem ser utilizados e trabalhados no sentido de prevenir situações de desenvolvimento de violência.

Na caracterização sociodemográfica a nossa amostra é majoritariamente do sexo feminino e a idade situa-se entre os 11 e os 16 anos com uma média de 12,87 anos. Relativamente ao contexto escolar constatamos que são alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade, já reprovaram 36,5% dos alunos e, destes, 25,3% reprovaram duas vezes, Os alunos gostam da turma e gostam da escola e consideram-na segura. Mais de metade dos alunos já teve participação disciplinar, cerca de 11% já tiveram suspensão de atividades escolares.

A relação com a família é boa contudo referem que raramente os pais vêm à escola. A maioria dos alunos não faltam à escola e quem falta refere que é por medo de lhe fazerem mal (13,1%).

Verificamos que enquanto vítimas foram as agressões diretas (verbal ou físicas) que predominam na nossa amostra. Os valores percentuais mais elevados aparecem em comportamentos feitos 1 a 3 vezes no período escolar. Nas situações mais frequentes (1 vez ou mais por semana) sobressaiem o bater (dar um estalo ou um murro e dar pontapés). Enquanto vítimas os alunos referem com valores mais elevados terem sido sujeitas a bullying por intimidação

Enquanto agressores foi referido como mais frequente (uma ou mais vezes por semana) espalhar falsos rumores, gozar, danificar alguma coisa ou meter em confusão. Enquanto agressores os alunos referem com valores mais elevados terem praticado o bullying indireto (verbal e ou físico).

Enquanto agressores as meninas utilizam mais o bullying indireto e intimidação e os rapazes utilizam mais o bullying direto quer seja de forma física ou de forma verbal o que vem corroborar outros estudos.

A relação que os alunos têm com a família interfere nas formas de bullying e verificamos que os que têm uma boa realação com a família são menos agressores em todas as formas de bullying sendo contudo mais vitimas de bullying direto e indireto.

Os alunos reprovados, embora sem significância estatística, mostram valores mais elevados em todas as formas de bullying equanto vitimas. Como agressores os que reprovaram utilizam mais o bullying direto e a intimidação. Os alunos que não gostam da turma e os que não gostam da escola são mais agressores na forma de bullying direto e indireto

Praticamente todos os alunos consideram que já foram vitimas de bullying, algumas vezes ou muitas vezes (apenas um refere que nunca foi vitima). Quanto perguntamos se já agrediram alguém encontramos 12,8% a dizerem que nunca foram agressores..

Conhecedores da realidade que encontramos cabe agora refletir e **encontrar sugestões** que possam prevenir e minimizar o bullying nas escolas. As famílias devem estar atentas a sinais que possam precocemente identificar situações de vitima de bullying (falta de vontade ou medo de ir á escola; pedir para mudar de escola, ou que alguém o leve; baixo rendimento escolar; alteração de comportamento; chegar com material danificado ou sinais de agressão física, pedir dinheiro...). Estar alerta também para situações do seu filho ser agressor (dominar ou manipular outros; achar-se superior aos colegas; impulsivo e pouco tolerante à frustração; falta de respeito; desafio da autoridade; pouco emotivo; culpa os outros; não gota de cumprir as regras...)

Depois da socialização primária é na escola onde a criança vai experimentar um ambiente social, vai aprender a conviver com as diferenças. Deve por isso tratar-se a violência na escola como um trabalho prioritário não apenas para o presente mas também para preparar o futuro (Tonchis, 2012). A escola deve preparar-se para enfrentar a complexidade dos problemas atuais e as relações interpessoais entre alunos, pais, professores e funcionários respeitando as diferenças (Delors, 1996). Segundo Lopes Neto (2005), as escolas não podem aceitar que crianças sofram violência, não podem testemunhar tais fatos e entende-los como banais, pois a violência se pode tornar cada vez mais assídua em todas as instituições escolares.

Rolim (2008) enfatiza que a função da escola diante do bullying é reconhecer a existência da problemática, sua importância e gravidade e procurar eliminá-la, destacando assim a preocupação na prevenção do bullying e das formas de violência em geral.

As escolas (direção, professores/educadores e funcionários) devem elaborar procedimentos e normas (regulamentos) que previnam comportamentos agressivos (normas antibullying), definam as penalizações e as tornem claras para todos. Os alunos devem ser envolvidos também na criação dessas normas, trabalhando em conjunto para o bem comum, respeitando assim os jovens e ouvi-los pois conhecem a realidade e poderão dar sugestões. A criação de zonas seguras e haver pessoas-chave de referência para situações de bullying onde os alunos se possam dirigir e a quem os alunos possam recorrer, pode ser facilitador da prevenção de situações de bullying. Identificar os locais onde é mais provável que se dê o abuso e estabelecer uma vigilância discreta podendo mesmo recorrerse a câmaras de videovigilância (Haber & Glatzer, 2009).

A escola deve ainda investir nos seus docentes e prepará-los para educar e desenvolver não apenas a dimensão cognitiva mas também a dimensão social e a inteligência emocional dos seus alunos. Poderão os educadores ter necessidade de formação na gestão de conflitos pois no contexto escolar são frequente fruto de insultos, agressões e falta de respeito (González-Pérez & Criado del Pozo, 2007).

A relação de proximidade entre a família e a escola deve ser aprofundada pois trazer a família para uma parceria mais próxima da escola e estabelecer um diálogo aberto vai facilitar a identificação de situações de bullying. Fante (2010) refere que a escola deve desenvolver estratégias para reduzir o comportamento agressivo e capacitar os pais para identificar e encaminhar essas situações vivenciadas pelos filhos.

Rosa (2010) valoriza a necessidade da família e da escola darem grande importância no sentido de perceberem a ação de educar como responsabilidade de ambos. As famílias precisam estar atentas ao comportamento dos filhos dentro e fora da escola e vigiar amizades. Se a família se compromete com seu papel estará contribuindo com o bom andamento escolar do aluno.

De acordo com Follman (2012) a família, juntamente com a escola pode ser o caminho para ajudar no processo de mudanças de ideias, comportamentos e valores no combate às condutas do Bullying.

Para além da educação para a não violência não podemos deixar de referir a melhoria da auto-estima nos jovens pois esta vai criar sentimento de bem-estar e satisfação e controlo da

própria vida, melhorar as relações interpessoais e facilitar a inserção escolar. Os jovens serão mais assertivos e estamos assim a prevenir a violência. A transmissão de valores opostos à violência como sejam a justiça, a tolerância, a solidariedade e o respeito pela diferença, sendo primeiramente da família , a escola deve dar continuidade e promovê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A., Lisboa, C., & Caurcel, M. J. (2007). ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 107-118.
- Barros, P.C., Carvalho, J.E. & Pereira, M.B.F.L.O. (2009). *Um estudo sobre o bullying no contexto escolar*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia realizado de 26 a 29 de Outubro de 2009 – PUCPR.
- Brasil, Presidência da República, Casa Civil (1990). *Lei nº 8.069 de 13 de Julho*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
- Chalita, G. (2008) *Pedagogia da Amizade - bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente,
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (XIX), 523- 537
- Damke A.S. & Conçalves J.P. (2007). *A concepção de bullying: expressões de violência no ambiente escolar*. VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.Saberes docentes. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-219-07.pdf>
- Delors, J. et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Cortez Editora. São Paulo.Disponível em <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- Duarte, D.S. (2013). *O papel do professor no combate e na prevenção do bullying em sala de aula*. (Monografia de conclusão de curso de letras). Faculdade de Pará de Minas. Disponível em <http://www.fapam.edu.br/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014205019Danila.pdf>
- Elliott, M. (1992). *Bullying: A practical guide to coping for schools*. Harlow, UK: BPC Wheatons
- Fante, C. (2003). *Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz)*. São José do Rio Preto, SP: Ativa.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Verus Editora

- Fante, C. & Pedra, J. A. (2008). *Bullying Escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- Fante, C. A. Z. (2010). *Programa de Enfrentamento ao Bullying no ambiente escolar*. São Luís, MA: Fábrika Comunicação.
- Ferreira, A.S.& Santos, C.A. (2013) – *Bullying: um problema educacioanl na escola Santa Inês*. Disponível em: <https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/Bullyng-63924.html>
- Follman, J. (2012). O bullying no contexto escolar. (Trabalho apresentado para a obtenção do título de Especialização em Gestão da Educação). Ajes – Instituto Superior de Educação do Vale do juruena. Disponível em: http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20130522103513.pdf
- Francisco M.V. & Libório R.M.C. (2009). Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 200-207.
- Gisi, M.L., Filipak, S.T., Kerkoski M.J. (2009). *A manifestação do bullying na escola de educação Básica - o espaço/tempo do recreio*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de Outubro. PUCPR.
- González-Pérez, J. & Criado del Pozo, M.J. (2007). *Educar para a não-violência: perspectivas e estratégias de prevenção*. Madrid: K Editora
- Grocholski, A. (2010). Violência escolar: Bullying. (Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física). Universidade Estadual de Londrina. Disponível em http://www.uel.br/cef/demh/graduacao/arquivosdownload/tcc2011/antigos_tcc_ef_licenciatura/Juliana_Grocholski_LEF200_2010.pdf
- Haber, J. & Glatzer, J. (2009). *Bullying: manual antiagressão*. Alfragide: Casa das Letras.
- Lopes Neto, A. A. (2005). *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)*, 81(5)(Supl), S 164-172.
- Lourenço, L.M., Pereira, B., Paiva, D.P., Gebara, C. (2009). A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações*, 13, 208-228
- Marchesi, A. (2006). *O que será de nós, os maus alunos?* Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, ,
- Martins, M.J.D. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 93-115.
- Middelton-Moz, J. & Zawadski, M. L. (2007). *Bullying – estratégia de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Armed.

- Minayo, M.C.S. (1999). *Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Monteiro, M. e Ferreira, P. (2006). *Ser humano*. 2ª Parte, Porto Editora.
- Nunes, R.A. (2012). Pais omissos, filhos tiranos. A família e a formação de agressores. (Monografia para o grau de especialista em psicopedagogia). Universidade Cândido Mendes, Pós graduação “lato Sensu”. AVM Faculdade Integrada. Disponível em http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205177.pdf
- Olweus, D. (2007). *Olweus Bullying Questionnaire, Standard School Report*. Hazelden Publishing. Disponível em [:https://www.pdastats.com/PublicFiles/Olweus_Sample_Standard_School_Report.pdf](https://www.pdastats.com/PublicFiles/Olweus_Sample_Standard_School_Report.pdf)
- Olweus, D. (2000). *Bullying at a school*. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*. Londres, Cambridge.
- Oliveira, A.S. & Antonio, P.S..(2006). Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência da enfermagem nesse contexto. *Revista eletrônica de enfermagem*, 8 (1), 30-41. Disponível em https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista8_1/original_04.htm
- Oliveira, E.C. (2013). O bullying na escola: a visão de professores e alunos do Ensino Médio de São João do Piauí – PI. (Tese de mestrado em em Ciências de Educação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Disponível em <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4786/O%20BULLYING%20NA%20ESCOLA%20-%20Edj%C3%B4fre%20Coelho%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1>
- Pedra, J.A. (2008). *Bullying escolar – perguntas e respostas*, Ed. Artmed.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology International*, 25 (2), 241-253.
- Pereira, B.O. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, S. M. S. (2009). *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus.
- Pereira B., Silva M.I., Nunes B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 9(28), 455-466.
- Pereira K.K. (2012). Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar. (Relatório de pesquisa apresentado à Coordenação do terceiro semestre do Curso de Direito). Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte.

- Pinheiro, L.O. (2009). Ciberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica. (Tese de Mestrado em sociologia / Desenvolvimento e Políticas Sociais). Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>
- Pino Juste, M.R. (1998). La violencia como respuesta en algunos problemas de inadaptación social: campos de acción de la educación social. . In PANTOJA, L. (Org.). *Nuevos espacios de la educación social*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Pizarro, H.C. & Jiménez, I.M. (2007). Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Revista Educación*, 31(1), 135-144.
- Plan Brasil (2010). *Pesquisa: Bullying escolar no Brasil. Relatório Final*. Março 2010. São Paulo, CEATS/FIA. Disponível em <http://docplayer.com.br/259085-Pesquisa-bullying-escolar-no-brasil-relatorio-final.html>
- Ramírez, F. C. (2001). Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, 17(1), 37-43.
- Rodríguez, N. E. (2004). *Bullying, Guerra na Escola*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Rodrigues L.O. (2011). Violência escolar e formação de professores: estudo em escola Pública de Goiana. (Dissertação Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert_-_Leila_Oliveira.pdf?1334233250
- Rolim, M. (2008). Bullying: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer. (Dissertação de mestrado em Sociologia). Universidade Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14951/000672845.pdf>
- Rosa, M.J.A. (2010). Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Itabaiana: *Gepiadde*, Ano 4, Volume 8.
- Serrate R. (2009). *Lidar com o Bullying na Escola*. Sintra: K Editora
- Silva, A.B.B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- Silva, Q.B.M.T. (2011). Bullying: papel dos pais na prevenção, detecção e enfrentamento do envolvimento dos filhos em situações de bullying . (Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Aconselhamento Educacional e Familiar). Centro Universitário Adventista de São Paulo- Campus 2. Disponível em : <http://www.webartigos.com/artigos/bullying-papel-dos-pais-na-prevencao-deteccao-e-enfrentamento-do-envolvimento-dos-filhos-em-situacoes-de-bullying/77309/>

- Silveira, P. T. & Teodora R. (2009). A representação de alunos do 4.º ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino sobre situações de bullying sofridas, presenciadas e praticadas na escola. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de Outubro. PUCPR.
- Silveira, M. R. ; Gera, M.Z.F. 2010) . A Interferência do Bullying no Desenvolvimento Humano. In: *Anais do IV Congresso de Iniciação Científica do Uni-FACEF*, 2010, Franca-SP. Anais do IV Congresso de Iniciação Científica do Uni-FACEF, 2010. Disponível em http://legacy.unifacef.com.br/novo/iv_congresso_de_iniciacao_cientifica/Trabalhos/Inicia%C3%A7%C3%A3o/Matheus%20Rego.pdf
- Só, S. L. (2010). Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção. (Monografia apresentada ao Curso de Especialização de Psicologia Aplicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37003/000787333.pdf>
- Sousa, M.H.M.F. (2011). Formas de Bullying em contexto escolar. (Dissertação de mestrado em Ciências da Educação). Departamento de Economia, Gestão e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, CRB Viseu. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/8461>
- Spósito M.P. (2001). Um Breve Balanço da Pesquisa sobre Violência Escolar no Brasil. In: *Revista Educação e Pesquisa*, 27(1), 87 – 103. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/298/29827107.pdf>
- Souza ,C.P. & Almeida, L.C.P. (2011). Bullying em ambiente escolar. *Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer* - Goiânia, vol.7, N.12; 2011: 179-190. Disponível em <http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>
- Tauil, L.C., Paula R.G.F., Costa, T.F.R. (2009). *Bullying na escola e na sociedade moderna*. São Paulo: Instituto de Educação Boni Consilii.
- Teixeira, G. (2011). *Manual Antibullying*. São Paulo : Best Seller
- Tonchis, L.C.. (2012). *A Violência na Escola e suas Consequências*. Disponível em: <http://www.advivo.com.br/blog/luissassif/violencia-na-escola-e-suas-consequencias>

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Com este questionário pretendemos colher informações sobre o modo como os alunos se relacionam entre si. As respostas são anónimas e confidenciais. Responde com sinceridade a todas as questões, expressando a tua opinião pessoal na certeza de que os questionários serão tratados com a devida confidencialidade e respeitando o anonimato pois os dados serão ratados de forma global e não de forma individualizada.

Não há respostas certas ou erradas, apenas existe a sua opinião pessoal

OBRIGADO PELA TUA COLABORAÇÃO.

I - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1- Sexo Masculino Feminino

2- Idade _____

3- Com quem vives

Pais/avós/tios

Mãe/padrasto – Mãe/madrasta

Primos

Outros

4- Como classificas a tua relação no seio da tua família

Boa relação Razoável relação Má relação

II – CONTEXTO ESCOLAR

1- Ano de escolaridade que frequentas _____

2- Já alguma vez reprovaste de ano Sim Não

3- Quantas vezes reprovaste 1 vez 2 vezes + de 2 vezes

4- Já alguma vez tiveste uma participação disciplinar Sim Não

5- Já foste suspenso das atividades letivas Sim Não

6- Os teus pais ou encarregados de educação vêm à escola

Com frequência Raramente Nunca

7- Como te sentes em relação à turma onde estás

Não gosto Gosto Gosto muito

8- Como te sentes em relação à escola que frequentas

Não gosto Gosto Gosto muito

9- Consideras a tua escola

Perigosa Segura Muito segura

10- Nos intervalos das aulas e à hora do almoço costumam andar

Sozinho Com os colegas da turma Com colegas de outras turmas

11- Nos intervalos costumam (podes assinalar mais de uma resposta)

Ficar à entrada da sala de aulas

Ir para a sala de convívio

Ir ao bufete (bar)

Ir para a biblioteca

Ir para o campo de jogos

Isolar-me

Sair da escola

12- Já magoaste algum aluno da escola com a intenção de lhe fazer mal?

Nunca Algumas vezes Várias vezes

13- Já faltaste à escola por teres medo que um aluno da escola te fizesse mal?

Nunca Algumas vezes Várias vezes

III - ESCALA DE BULLYING

ANALISA AS SITUAÇÕES QUE TE SÃO APRESENTADAS NO QUADRO SEGUINTE E PENSA NUM OU NUMA COLEGA OU COLEGAS **QUE TE TENHAM FEITO A TI, desde o início deste período escolar,** UMA DESTAS COISAS COM A INTENÇÃO DE TE MAGOAR

1 - Assinala com uma cruz (X) quantas vezes isso aconteceu desde o início deste período escolar					
NA ESCOLA	Nunca	1 a 3 vezes	Mais do que 3 vezes	Uma vez por semana	Várias vezes por semana
1.1 – Bateram-me (deram-me um estalo ou murro)					
1.2 – Deram-me um pontapé					
1.3 – Empurraram-me					
1.4 – Puxaram-me o cabelo					
1.5 – Atiraram-me uma bola de propósito					
1.6 – Perseguiam-me					
1.7 – Chamaram-me nomes feios					
1.8 – Chamaram nomes feios a alguém da minha família					
1.9 – Insultaram-me					
1.10 – Gozaram comigo					
1.11 - Ameaçaram-me					
1.12 – Disseram mentiras sobre mim					
1.13 – Espalharam falsos rumores sobre mim					
1.14 – Não me deixaram participar em jogos					
1.15 – Não me escolheram para fazer parte de uma equipa					
1.16 – Desprezaram-me completamente					
1.17 – Roubaram-me dinheiro					
1.18 – Danificaram uma coisa minha					
1.19 – Esconderam uma coisa minha					
1.20 – Obrigaram-me a dar dinheiro que eu tinha					
1.21 – Obrigaram-me a fazer uma coisa que não queria fazer					
1.22 – Meteram-me em sarilhos (confusão)					

ANALISA NOVAMENTE AS SITUAÇÕES QUE TE SÃO APRESENTADAS NO QUADRO SEGUINTE E PENSA NUM OU NUMA COLEGA OU COLEGAS **A QUEM TU TENHAS FEITO, desde o início deste período escolar** UMA DESTAS COISAS COM A INTENÇÃO DE O(A) MAGOARES

2 - Assinala com uma cruz (X) quantas vezes isso aconteceu desde o início deste período escolar					
NA ESCOLA	Nunca	1 a 3 vezes	Mais do que 3 vezes	Uma vez por semana	Várias vezes por semana
2.1 – Bati num colega (dei um estalo ou murro)					
2.2 – Dei-lhe um pontapé					
2.3 – Empurrei-o					
2.4 – Puxei-lhe o cabelo					
2.5 – Atirei-lhe uma bola de propósito					
2.6 – Persegui essa pessoa					
2.7 – Chamei-lhe nomes feios					
2.8 – Chamei nomes feios a alguém da sua família					
2.9 – Insultei-o(a)					
2.10 – Gozei com ele/ela					
2.11 – Ameacei-o(a)					
2.12 – Disse mentiras sobre essa pessoa					
2.13 – Espalhei falsos rumores sobre ele ou ela					
2.14 – Não o(a) deixei participar em jogos					
2.15 – Não o(a) escolhi para fazer parte de minha equipa					
2.16 – Desprezei-o(a) completamente					
2.17 – Roubei-lhe dinheiro					
2.18 – Danifiquei uma coisa dele/dela					
2.19 – Escondi uma coisa dele/dela					
2.20 – Obriguei-o(a) a dar-me o dinheiro que ele tinha					
2.21 – Obriguei-o(a) a fazer uma coisa que ele/ela não queria fazer					
2.22 – Meti-o(a) em sarilhos (confusão)					

3 – Escolhe a opção que achas que está mais de acordo com o que tu pensas em relação a ti:

- Se achas que és vítima (gozam contigo, te batem, te ameaçam, te metem medo, te obrigam a fazer o que não queres, etc) põe uma cruz (X) no rectângulo que diz – **muitas vezes vítima.**
- Se achas que só algumas vezes és vitima pões uma cruz (X) no rectângulo que diz – **algumas vezes vitima.**
- Se achas que nunca és vitima põe uma cruz (X) no rectângulo – **nunca vitima**

muitas vezes vítima.	algumas vezes vitimas	nunca vitima
-----------------------------	------------------------------	---------------------

4 - Se achas que és muitas vezes **agressor** (gozas com os outros, bates, ameaças, metes medo, obrigas os outros a fazer o que não querem, etc) põe uma cruz (X) no rectângulo que diz – **muitas vezes agressor.** Se achas que só algumas vezes és agressor põe uma cruz (X) no rectângulo que diz – **algumas vezes agressor.**

Se achas que nunca és agressor põe uma cruz (X) no rectângulo – **nunca agressor.**

muitas vezes agressor	algumas vezes agressor	nunca agresso
------------------------------	-------------------------------	----------------------